terragente

PUBLICAÇÃO DO GEA

Nº 42 ★ MARÇO/ABRIL ★ 1988 ★ Cz$ 80,00

O império contra-ataca

Para um balanço do movimento sindical

Pág. 05

Por dentro da UDR

Pág. 08

Os estupradores que viraram heróis

Pág. 11

Centro de Pastoral Vergueiro
29 MAR 1988
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

SUMÁRIO

Amigo leitor 04
Sindicalismo 05
A luta pela terra 08
Mulheres 11
Movimento comunitário 14
Memória das lutas 18
Opinião 22

05

A CGT quebrou. A CUT patina. Parou de ganhar sindicatos. O quê está ocorrendo com o movimento sindical? Qual é a estratégia dos patrões? O problema é o vanguardismo? O economicismo? Ou o furo é mais embaixo? Uma opinião para o debate está nas páginas 5, 6 e 7.

11

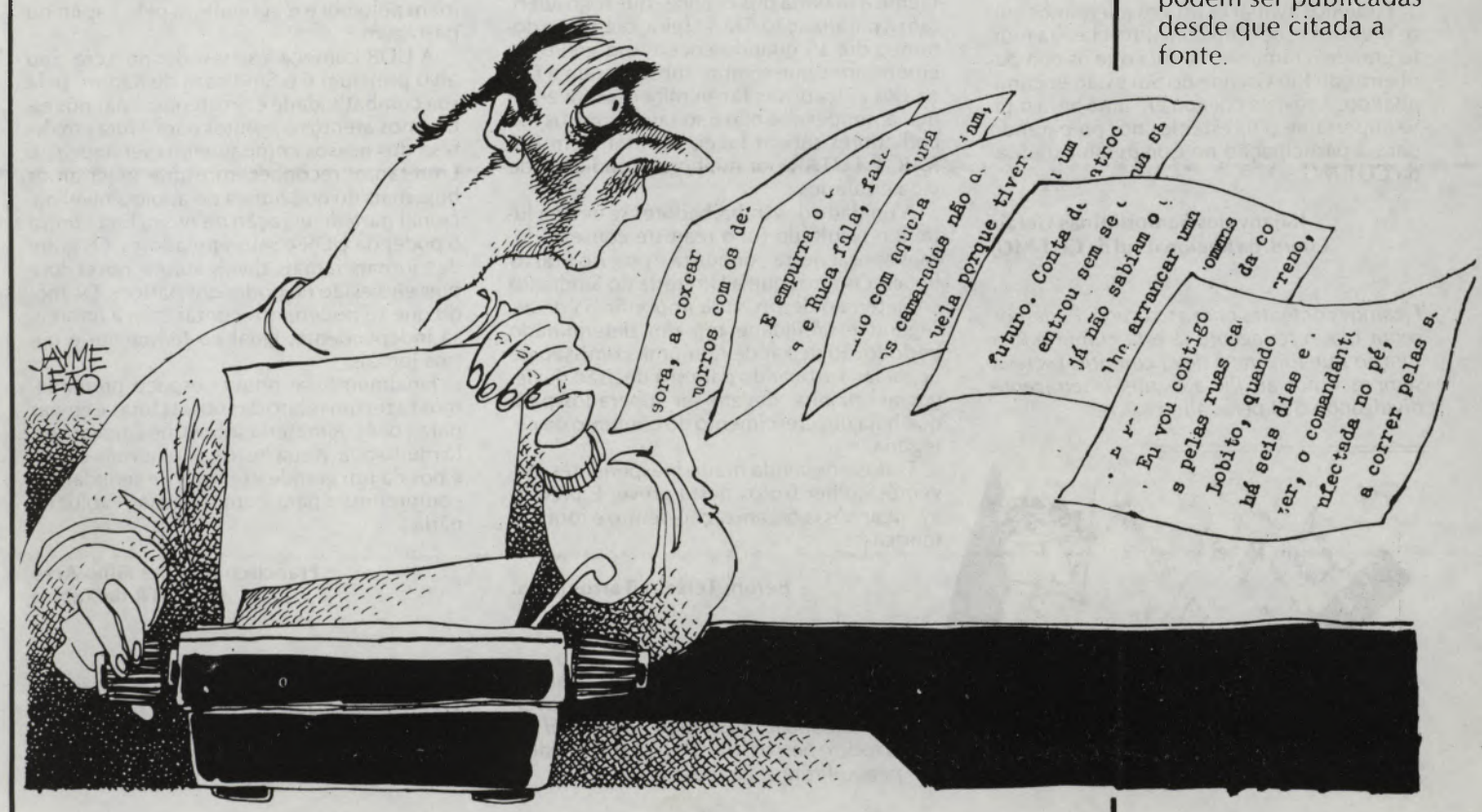
Quatro jogadores do Grêmio estupraram uma menina de 13 anos na Suíça ano passado. Quando desceram no Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre foram recebidos como heróis. Um artigo nas páginas 11, 12 e 13 revela como o machismo gaúcho conseguiu esta "proeza".

14

Nos últimos anos da ditadura militar, o movimento comunitário cresceu. Sob a "Nova República" vem perdendo dia a dia a sua força. A situação do movimento no Rio Grande do Sul, as suas potencialidades e fraquezas, são abordadas nas páginas 14, 15, 16 e 17. Boa leitura.

terragente

Publicação do GEA — Formação e Assessoria Sindical. Conselho editorial: Equipe do GEA. Editor: Paulo Cezar da Rosa. Colaboram nesta edição: Gilberto Corazza, Suzana Moura, Tarcísio Zimmermann, Renata Menasche, Régis da Cunha Belém, Luciano Brunet, Paulo Ernesto Rodrigues, Paulo Heineck, Helena Bonumá, Ivan dos Anjos e Luis Antônio Ribeiro.
Planejamento gráfico: Vera Junqueira.
Administração e distribuição: Aida Dresseno.
Composição, fotolito e impressão: Proletra.
Redação e Administração: Rua da República, 139, Cidade Baixa, CEP 90.050, Porto Alegre, RS, fone (0512) 27.51.38.
Jornalista Responsável: Paulo Cezar da Rosa, registro profissional número 5808.
Tiragem desta edição: 2 mil exemplares.
Todas as matérias podem ser publicadas desde que citada a fonte.



Preço e conteúdo

Olá pessoal que faz parte do GEA e manuseia a revista terragente. Conheci há poucas semanas esta revista e admirei logo pelo conteúdo que nela está inserido. Conheci-a por um colega do curso de filosofia, o qual é assinante, e este me passou o endereço.

Tudo isso é para, se possível, saber de vocês melhores informações para adquirir esta revista em minha casa. Estarei esperando informações (custo, se é ou não mensal, a assinatura é ou não anial, e outras).

Cláudia/Marau

Cláudia, os preços que cobramos pela revista visam apenas cobrir seus custos. Nesta retomada estamos com preços promocionais para renovação e novas assinaturas. São os seguintes: 400 cruzados para agricultores e trabalhadores urbanos que enviarem sua assinatura até 15 de abril, 500 cruzados para assinatura normal ou de entidades, 700 cruzados para assinaturas de apoio. A revista sai de dois em dois meses. A assinatura é válida por um ano ou seis edições. Para assinar o terragente, nos envie uma carta com nome e endereço completo mais um cheque nominal ou vale postal para GEA — Formação e Assessoria Sindical. Nosso endereço consta no expediente.

Sobre o conteúdo, nosso objetivo é dizer a verdade, ainda que seja dura, ainda que não agrade. Nosso compromisso é com os trabalhadores urbanos e rurais. E nessa medida pretendemos que a revista auxilie seu processo de organização e conscientização.

Gostamos da tua carta. Escreve sempre.

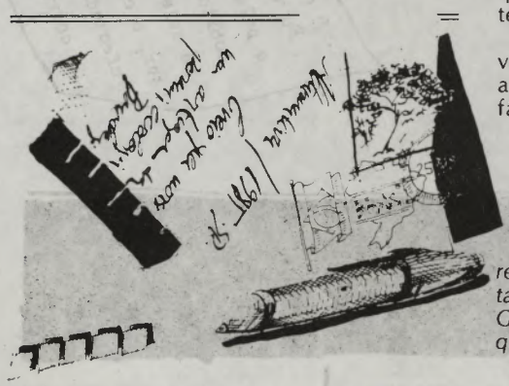
Tamanho da luta

Prezados companheiros: Foi com bastante prazer que recebemos o exemplar da revista terragente nº 41 de outubro/novembro de 1987.

Pudemos avaliar os artigos e sentimos que os mesmos espelham com uma clareza muito grande o tamanho da luta que os companheiros do Rio Grande do Sul estão encaminhando. A revista chegou em uma hora muito importante pois estamos nos preparando para a participação no Congresso Estadual da CUT-MG...

Kajany dos Santos/Minas Gerais
Coord. da Regional Sul da CUT-MG

Ficamos contentes com a tua carta. Pudemos sentir que o terragente já está cumprindo a função que julgamos deva cumprir. Escreva sempre, e nos auxilie a manter o terragente divulgando-o aí pelas alterosas.



Passeata durante a greve

Greve dos sapateiros

Farroupilha, cidade da Serra Gaúcha, passou neste mês de novembro por sua primeira experiência grevista no ramo do calçado. Depois do Vale dos Sinos, este município é o maior produtor de sapatos do sul do país, com uma categoria de 6.000 trabalhadores.

Tendo o mês de junho como data base do dissídio coletivo da categoria e por estar em julgamento na Justiça do Trabalho desde aquela oportunidade sem ter ainda solução, os sapateiros cansados de tanto esperar pela decisão que não veio e pela intransigência patronal acabaram por deflagrar greve como saída. Com uma reivindicação centrada apenas no percentual de aumento, os calçadistas obtiveram o que queriam.

Foi reivindicado um percentual de 238% sobre o salário de junho de 1986 com uma contra-proposta patronal de 181%, inicialmente. Após a greve o reajuste obtido foi de 242% com o desconto dos dias parados.

Categoria de gente muito jovem, apesar das falhas de organização e do risco de iniciar a greve em somente duas fábricas, o violento arrocho salarial fez com que os sapateiros conseguissem mobilizar imediatamente a maioria dos colegas, que logo aderiram a paralização. Da 4ª feira, dia 11, ao domingo dia 15 quando encerrou a greve, os empresários que sempre substimaram a força dos calçadistas farroupilhenses, tiveram que aprender que não é só sapato que os trabalhadores sabem fazer, mas também PARAR, E LUTAR por melhores condições de vida e salários.

A unidade dos trabalhadores se deu na luta. E o resultado foi o reajuste conseguido. Mas apesar desta conquista é preciso tirar as lições. Os erros que a Diretoria do Sindicato cometeu ao desprezar a importância de assegurar estabilidade por um determinado período, ao deixar de tirar uma comissão de negociação, ficando para si a decisão de negociar sozinha, devem ser superados para que haja um crescimento do conjunto da categoria.

Todos nós, ainda muito inexperientes, devemos colher frutos desta greve. É preciso avançar nossa organização dentro e fora das fábricas.

Beroni Teixeira/Farroupilha.

Olhai pessoal de Farroupilha. Está dado o recado sobre a greve nos calçados. Aproveitamos pra mandar um abraço do pessoal do GEA a todo o pessoal da oposição no calçado que pegou firme aí na greve.

Validade da assinatura

Venho por meio desta parabenizar a equipe da revista terragente pelo novo estilo da mesma e também solicitar informações sobre a minha assinatura, pois depois de um longo período de ausência, com surpresa e alegria recebo novamente esta revista.

E por querer continuar recebendo, solicito informações: se a minha assinatura ainda é válida, se preciso renovar e como renovar.

Judite/São Pedro do Pontão

Judite, é o seguinte: As assinaturas antigas continuam válidas. Todos assinantes receberão os exemplares a que tem direito. Quando a tua assinatura vencer, tu vai receber um aviso pelo correio junto com uma proposta de renovação. Assim como os demais.

Agradecemos os elogios pelo novo estilo. Nossa intenção é melhorar ainda mais.

Fazendeiros do sul no Acre

Com prazer comunicamos o recebimento do terragente de nº 41.

Gostaríamos de manter mais contatos com vocês e se possível divulgar as nossas lutas através desta revista.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri nestes últimos anos tornou-se o sindicato de maior resistência contra o latifúndio. Nossa maior base é de seringueiros que resistem heroicamente em defesa da amazônia, hoje ameaçada mais do que nunca pela ganância dos fazendeiros do sul e das multinacionais, liderados pelo imperialismo norte-americano, que estão financiando a devastação das nossas florestas. A política especulatória tenta dominar toda a região. A intenção do latifúndio aqui é substituir o homem pelo boi e a agricultura pelo capim ou pastagem.

A UDR começa a se instalar no Acre. Seu alvo principal é o Sindicato de Xapuri, pela sua combatividade e resistência. Mas nós estaremos atentos e prontos para a luta em defesa dos nossos companheiros seringueiros. Entretanto, reconhecemos que precisamos hoje mais do que nunca do apoio a nível nacional para divulgação da nossa luta contra o poder da UDR e seus apoiadores. Os grandes jornais jamais divulgarão a nossa luta pois eles estão no poder dos patrões. De modo que só poderemos contar com a imprensa independente, igual ao terragente e outros jornais.

Finalmente, se houver espaço pretendemos fazer um relato das nossas lutas e enviar para vocês. A matéria sobre Che Guevara está muito boa. A sua história nos ensina muito e nós dá um grande exemplo de seriedade e compromisso para com a causa revolucionária.

Francisco Mendes Filho/Acre
Pres. STR de Xapuri

Francisco: Pode considerar o terragente como um apoiador incondicional do STR de Xapuri. Apesar da distância, os inimigos dos seringueiros aí no Acre são os mesmos que os dos trabalhadores rurais aqui no sul.

Patrões, governo e pelegos estão unidos contra a CUT.

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA

Paulo Cezar da Rosa

No sábado, dia 30 de janeiro, foi realizada uma Plenária Nacional da CGT. Prevista para Brasília, a reunião foi puxada para São Paulo por pressão de dois dirigentes sindicais que a grande imprensa tem feito questão de projetar a nível nacional: Luis Antônio Medeiros, eleito ano passado presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o maior da América Latina, e Rogério Magri, presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo. Estava prevista a presença de representantes de duas mil entidades na Plenária. Medeiros e Magri fizeram que a reunião ocorresse num Auditório da USP onde não cabia mais que 600 pessoas. Mais que isso, prometeram uma cervejada para a categoria e lotaram o auditório com as suas bases na categoria dos metalúrgicos e eletricitários. Ao mesmo tempo que as tropas de choque dos dois "sindicalistas" ocupavam os espaços da reunião, a direção da CGT discutia se credenciava todo mundo ou apenas um representante por entidade.

Ao final foi decidido realizar um ato com a presença de todos. Praticamente expulsos, os dirigentes sindicais ligados ao PCB e ao PCdoB se retiraram. Imediatamente foram colocadas em votação e aprovadas três orientações para a CGT no próximo período. A primeira é a de negociar com o Centrão, sob o argumento de que os trabalhadores tem de negociar com que tem poder e de que no Centrão existiria vários deputados comprometidos com a defesa dos interesses dos trabalhadores. Em segundo lugar, defender na constituinte a manutenção da unidade sindical (leia-se manter os sindicatos tal como estão hoje). E em terceiro lugar, defender junto aos deputados constituintes a manutenção do imposto sindical.

O quarto ponto era a destituição de Joaquinzão. Diante de uma cobrança para "sair do muro" e ficar do lado dos "verdadeiros amigos" e não daqueles que "dão tapinha nas costas mas são traidores dos trabalhadores" (uma referência clara ao PCB e PCdoB), Joaquim Andrade saiu do muro sendo confirmado na presidência da entidade. A quinta proposta, que não chegou a ser colocada em plenário, era a da filiação da CGT a AFL-CIO, central sindical norte-americana tida nos meios sindicais mundiais como um braço da CIA.

Os impasses na CGT

Esta investida dos setores mais direitistas do movimento sindical no interior da CGT não se dá sem motivos. Há algum tempo o projeto da CGT, compreendida como uma central sindical reformista apoiada na estrutura sindical oficial, estava em crise. A expectativa do PCB e do PCdoB de que sob um regime de transição burguesa pudesse haver espaço para uma política de reformas graduais arrancadas na base da negociação se revelou uma ilusão. Sob a Nova República, em meio ao agravamento da crise econômica, o jogo dos patrões diante das reivindicações dos trabalhadores tem sido em vários aspectos mais duro que no período final da ditadura militar. Nesse quadro, duas opções se colocaram — e ainda se colocam — para as forças políticas presentes na CGT: ou uma direitização, na prática um alinhamento com o "Centrão"; ou a passagem para o campo da CUT e a adoção da sua estratégia. Uma terceira alternativa, na situação atual do movimento brasileiro, dificilmente encontraria eco.

Magri e Medeiros, defendendo o apolitícismo, o corporativismo, o imposto sindical, sendo contra a reforma agrária, contra a greve geral, a favor do sindicalismo de "resultados", e somando a isso uma postura agressiva tanto no discurso quanto nos métodos de ação (agressiva principalmente com as outras forças políticas no movimento e não com os patrões) são os dirigentes sindicais que a burguesia brasileira necessita nesse momento.

E a CUT com isso?

A crise da CGT foi acentuada largamente pela hegemonia que a CUT conquistou no movimento sindical brasileiro a partir do final de 86. A "Nova República", entretanto, não tem sido um mar de rosas para a política sindical da CUT. Sinais destas dificuldades tem sido as sucessivas derrotas de chapas de oposição da CUT nas eleições sindicais. Após um período em que bastava uma chapa de oposição receber o apoio da CUT para sair vitoriosa, se abriu um período de vacas magras.

Foi o caso do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre. Ninguém, até 15 dias antes da eleição, acreditava em alguma possibilidade de derrota. Mas chapa da CUT, escolhida numa convenção que reuniu mais de 300 ativistas das categoria, acabou perdendo. Pode-se encontrar diversos motivos para a derrota, mas sem dúvida o principal é que a CUT não vem conseguindo responder com presteza os anseios dos trabalhadores. Óbvio que a CUT vem se saindo muito melhor que os demais setores. Tem mais capacidade, acúmulo de construção. Não se trata de considerar que o projeto da CUT como uma central sindical classista, independente, democrática e de massas, apoiada nas lutas, esteja posto em xeque. Se trata de verificar que a CUT não tem conseguido desenvolver uma política para a nova situação que o país e o movimento sindi-

cal vive.

Por tras das derrotas nas eleições sindicais, é no próprio campo da luta política que a CUT não tem conseguido dar respostas aos trabalhadores. A tentativa de realização da greve geral em agosto do ano passado — tentativa de maior envergadura no sentido de se contrapor à política econômica do governo — acabou fracassada. A participação da CUT no processo constituinte, seja realizando manifestações ou pressionando os deputados, foi pequena e desorganizada. Um pouco como resultado desta incapacidade, um pouco como causa, a CUT não tem conseguido barrar o processo de arrocho salarial crescente, quase nenhum dos sindicatos dirigidos por cutistas vem conseguindo índices que reponham o poder aquisitivo de suas categorias.

Discussão errada

O esforço realizado pela CUT ano passado para resolver os problemas de direção e gestar uma política sindical para o atual período não conseguiu chegar ao fundo dos problemas. A maioria da CUT a nível nacional introduziu nos congressos estaduais o debate sobre o sindicalismo de massas e o sindicalismo de vanguarda. Assim, os impasses e problemas que a CUT vinha enfrentando seriam resultado e responsabilidade do vanguardismo, atribuido genericamente aos setores minoritários a nível nacional. O problema todo da CUT estaria em que há no seu interior setores que não compreendem o seu caráter sindical e de massas. Num momento em que se avizinhava o aprofundamento do arrocho, em que o governo Sarney se preparava para retornar de malas e bagagens ao FMI, em que o Centrão bombardeava as conquistas mínimas obtidas na Comissão de Sistematização, o tipo de discussão realizada não apontou soluções concretas para os impasses do movimento. A discussão na CUT se transformou numa discussão genérica de idéias. Amarrada à camisa de força desta discussão, a CUT acabou oscilando entre duas alternativas falsas. Uma primeira presa ao passado e uma segunda buscando atalhos rumo ao futuro.

O caminho dos atalhos pode ser encontrado na prática do setor majoritário. Diante das dificuldades para o desenvolvimento da estratégia de construção e da política da CUT tendeu a buscar as composições por

cima com os setores atrasados e reformistas ainda fora da Central.

A implicação desta política foi a defesa do rebaixamento político e programático da Central, a busca de uma adaptação maior à estrutura sindical oficial, o reforço do verticalismo no processo de organização dos trabalhadores, o combate ao "vanguardismo" como suporte ideológico a esta orientação. Em síntese, uma política que não trouxe nada de novo, mas, simplesmente, diante das dificuldades, procurou se adequar à situação efetuando recuos programáticos, ideológicos e organizativos. A expressão desta política pode ser encontrada em várias chapas montadas para as eleições sindicais, em várias propostas que se apresentaram no movimento. De pretenso atalho ao futuro, esta política tem no horizonte um retorno ao passado. No Rio Grande do Sul isso é claro. Em janeiro de 88 surgiu na Executiva Estadual da CUT uma proposta de realização de um Encontro Estadual de Trabalhadores. Quem lembra o que foi à Central Estadual de Trabalhadores sabe o fôlego curto que possui este tipo de articulação para favorecer o avanço das lutas.

O setor minoritário a nível nacional procurou se aferrar ao acúmulo conquistado pela CUT nestes anos de construção. Diante das iniciativas do setor majoritário procurou continuar atuando na mesma linha do período anterior. À possibilidade de entrada de setores reformistas e atrasados na CUT respondeu muitas vezes de forma sectária. Se prendeu à defesa dos princípios da CUT, mas foi incapaz de, partindo destes princípios, elaborar uma política para o momento presente. Objetivamente ficou defendendo o passado no momento presente sem conseguir apontar rumos para o futuro. Se posicionou contra as composições com os reformistas e defendeu chapas puras da CUT. Em variados momentos na luta interna na Central tendeu a responder aos ataques do setor majoritário com generalidades e posições principistas que não contribuiram para retirar o movimento do impasse.

Estratégia dos patrões

Desde que Almir Pazzianotto assumiu o Ministério do Trabalho, o governo não interviu mais nos sindicatos. Num primeiro momento, o governo não deixou de continuar interferindo de modo muito forte nos conflitos entre o capital e o trabalho. Limitou sua atuação, entretanto, a um forte apoio político e logístico (dinheiro para bancar prejuízos, armas e homens a vontade para as ações repressivas. O enfrentamento aos trabalhadores, que no período final da ditadura e no início da "Nova República" vinha sendo conduzido de forma cada vez mais centralizada pelo estado, começou, com Pazzianotto, a ser transferido para as mãos dos empresários. Retirar o governo do centro dos conflitos parciais e localizados era uma necessidade para o projeto da Nova República. Pazzianotto, que no início da sua gestão pulava de greve em greve para fazer a "mediação", aos poucos foi saindo do cenário. Evidentemente, não foi instituida a livre negociação. O Estado não se retirou dos conflitos. Apenas passou a agir de outra forma. Em geral como agente repressor, e não como interlocutor ou mediador nas negociações.

Colocados na obrigação de gestar uma estratégia de enfrentamento ao movimento sindical, os patrões começaram a agir. Inimigo número um: a Central Única dos Trabalhadores. Métodos de ação: a caça aos militantes e a intervenção nas eleições sindicais. A caça aos militantes se desdobrou rapidamente em dois aspectos: o primeiro deles, o método tradicional das demissões de mili-

tantes, e o segundo, mais recente e "moderno", é o da tentativa da cooptação e neutralização dos militantes no seu próprio terreno de atuação, o dia a dia da fábrica. Junto de tudo isso veio a criação de dificuldades crescentes do ponto de vista da sustentação financeira das entidades combativas como uma política consciente de parte dos patrões e do governo.

Não é difícil constatar manifestações claras desta política patronal. As demissões não ocorrem mais apenas com militantes de fábrica sem estabilidade. Em praticamente todas as diretorias cutistas eleitas, os patrões vêm demitindo dois, três, as vezes até mais diretores. Enquanto o processo de readmissão corre na justiça por dois ou três anos, o sindicato fica com a obrigação de sustentar materialmente estes companheiros, tem seu poder de atuação dentro da fábrica diminuido (em geral são diretores de base) e tendem a ficar politicamente na defensiva. A idéia que passa para a categoria é a de que um sindicato que não garante sequer o emprego de seus diretores não têm condições de garantir o emprego da categoria. Ainda na linha de quebrar financeiramente os sindicatos, o INPS atrasa o repasse de verbas relativas à assistência e os patrões criam dificuldades crescentes ao repasse das contribuições de dissídio. Paralelo a isso, as empresas passaram a investir em métodosde cooptação e desorganização dos trabalhadores. Muitas hoje sustentam equipes que incluem psicólogos, jornalistas e engenheiros dedicados a desenvolver a luta contra a CUT no dia a dia das fábricas. Os círculos de qualidade, a introdução do trabalho por turnos, etc., são mecanismos utilizados no mesmo sentido.

Com relação às eleições sindicais, o Ministério do Trabalho, "democraticamente", abriu a possibilidade de que cada entidade reformulasse seus estatutos. Aparentemente liberalizante, essa medida tem servido aos pelegos e reformistas para criar um número de empecilhos e dificuldades maiores à inscrição e vitória de chapas de oposição.

A estratégia de crescimento da CUT era, até algum tempo atrás, bastante simples: o objetivo era ir ganhando os sindicatos das mãos dos pelegos e reformistas um a um. Este conjunto de medidas do governo e dos patrões está sendo eficaz no sentido de cortar o crescimento da CUT. A política sindical da CUT era também muito simples nos primeiros tempos. Luta por melhores salários, combatividade, greve e um discurso a favor da democracia marcaram o ascenso do movimento operário das primeiras greves de 78 no ABC paulista até bem pouco tempo. Sob a Nova República, entretanto, as coisas ficaram mais complexas. Não se trata mais de enfrentar uma didatura em seu período final com a bandeira da democracia. Se trata de enfrentar a burguesia e o seu estado. Não se trata mais de enfrentar um patrão mais ou menos despreparado dentro da fábrica e que diante de uma greve a primeira e as vezes quase única coisa que fazia era recorrer ao governo e solicitar intervenção. Se trata de enfrentar um inimigo que organizou suas trincheiras e não perde a menor oportunidade de ganhar pontos na guerra de guerrilhas trabalhista.

O que fazer

Nesse quadro se faz urgente uma resposta política de classe dos vários setores que atuam na CUT que consiga atacar globalmente os vários problemas. Se não é possível de imediato uma resposta deste tipo, sem dúvida algumas orientações são evidentes. Em primeiro lugar é preciso acabar com as falsas polarizações no interior da CUT. Existem diversas nuances políticas no interior da Central. A existência destas diferenças, entretanto, não pode ser um freio ao avanço da luta. O modo, e em torno do quê vêm sendo demarcadas estas nuances pouco vai contribuir para gestar uma política ofensiva. Em segundo lugar, paralelo ao processo de organização vertical que vem se intensificando na CUT, é preciso resolver o problema da organização de base. Para usar uma metáfora, a política sindical da CUT precisa sair da agitação semanal de porta de fábrica e entrar para dentro da fábrica. Em terceiro lugar, a CUT e seus sindicatos precisam atacar firmemente o problema da formação política de novas gerações de ativistas sindicais. Esta, invariavelmente, tem sido uma das grandes debilidades dos vários sindicatos cutistas. Como elemento chave para o desenvolvimento destas três primeiras orientações é fundamental aprofundar o grau de democratização da vida diária das entidades sindicais.

Junto dos esforços de democratização, de incorporação de novos setores e levas de militantes, é evidente a necessidade de um grau de centralização superior nas lutas. A greve dos professores ano passado, apesar de sua amplitude, duração e radicalidade, revela isso. Se mesmo a greve dos professores foi derrotada, as iniciativas tomadas isoladamente então, de um modo geral, a não ser em circunstâncias muito particulares, estão fadadas ao fracasso.

A construção desta centralização de esforços passa necessariamente pela construção de um grau de unidade política superior dos setores populares. Esta centralização, mais que um ato de vontade política, deve ser decorrência de uma compreensão mais clara dos passos a serem dados. Em torno deste problema é que devem se debruçar as forças políticas presentes na CUT.

Por dentro da UDR

Há uma guerra no país. Uma guerra antiga. De um lado os trabalhadores rurais sem terra, os pequenos proprietários que aos poucos perdem tudo que têm. De outro os latifundiários, o setor mais conservador e reacionário da burguesia brasileira. Diante do avanço da luta pela Reforma Agrária no país o latifúndio se organizou na União Democrática Ruralista. Aqui apresentamos uma análise do que é, como se organiza e atua a UDR.

Gilberto Corazza

Toda a política dos governos militares para o campo baseou-se na modernização conservadora da agricultura, tendo como objetivo a expansão do capitalismo no meio rural. Tudo financiado com recursos públicos via "incentivos fiscais". As terras que eram ocupadas por comunidades indígenas, posseiros, arrendatários e parceiros foram ocupadas por grandes empresas nacionais e transnacionais. O resultado dessa política se expressa nos seguintes dados: 520 mil latifundiários cercaram 73% das terras agriculturáveis do país. Do outro lado, estão os 5 milhões de famílias de trabalhadores rurais sem terra. Outra conseqüência produzida foi a redução das diferenças entre os setores da burguesia, ou seja, consolidou-se um bloco poderoso em torno do latifúndio. O simples latifundiário tradicional foi extinto, pois no seu lugar produziu-se a transnacional latifundiária, o banqueiro-latifundiário, o grande comerciante-latifundiário; todos aliados aos militares. No outro campo está a massa de trabalhadores sem terra e seus aliados no campo e na cidade.

Nasce a UDR

É neste contexto e no centro deste conflito que surge a UDR, com ou instrumento civil unificador das iniciativas e das políticas dos latifundiários. Sua estruturação iniciou no Encontro Nacional de Produtores Rurais, realizado em Brasília, no final de junho de 85. O idealizador principal foi o engenheiro agrônomo Plínio Junqueira Junior. Neste encontro, duas correntes polarizaram: a primeira foi liderada por moderados que defendiam uma Reforma agrária sob o controle dos empresários; a segunda liderada por ultra-conservadores, destacando-se Ronaldo Caiado, posicionou-se contra os moderados. O lema Caido/Junqueira: "para cada fazenda invadida, um padre morto".

A fundação da UDR foi oficializada em agosto de 85, na reunião ocorrida na FAEG (Federação da Agricultura do Estado de Goiás). Na oportunidade houve um grande leilão de 1461 bois. Nesta reunião estavam presentes: Ronaldo Caiado, Salvador Farina, Jairo Andrade, Altair Veloso, e Plínio Junqueira Junior.

A forma de organização e estruturação da UDR é baseada em sedes regionais, estaduais e nacional. Atualmente, conta com mais de 160 sedes regionais distribuidas em vinte estados. A nacional fica em Brasília. Possui mais de 150 mil associados, que a sustentam "oficialmente" via contribuições e doações de bois. Possui volumosos recursos financeiros e ampla cobertura da imprensa oficial.

Suas relações com o poder e o governo são de apoio mútuo e de complementação. Da parte do governo existe a postura de conivência e impunidade com relação aos crimes, assassinatos e violências patrocinadas pela UDR. A ação da UDR e seus comandados tem se dado de forma integrada e conjunta com os órgãos de repressão do Estado, principalmente, por ocasião das ocupações. Destaca-se ainda que os recursos que o governo investe em melhorias de rodovias, pontes, energia elétrica, etc., tudo com dinheiro do povo, beneficiam basicamente os fazendeiros paulistas, que são proprietários de 85 milhões de hectares no Brasil, o que equivale a três vezes o estado de São Paulo.

Os principais dirigentes da UDR, seus articuladores e membros da direção Nacional são os seguintes: **Ronaldo Caiado** — Presidente — pecuarista — médico. Tem três fazendas em Goiás, somando um total de 3.600 ha de terra. **Rosevelt Roque dos Santos** — 1º vice-Pecuarista — Advogado. É também presidente da UDR de São Paulo. **Roque Quagliato** — 2º vice-Pecuarista — tem fazenda em Ourinhos, São Paulo e Xinguara — PA. É também presidente da UDR-PA. **Udelson Nunes Franco** — 3º vice-Pecuarista em Campina Verde-MG, 1.800 ha. Presidente da UDR de Goiás. **Plínio Junqueira Júnior** — Vice-Pecuarista — proprietário de 2.900 ha. É presidente da UDR de Presidente Prudente — São Paulo. **Jairo Andrade** — Tesoureiro — Pecuarista. Proprietário de 25 mil ha. **Cesmar Moura** — Diretor Operacional — Pecuarista. **Altair Veloso** — Diretor Territorial — Pecuarista — Médico.

Sobre os objetivos e posições da UDR, podemos destacar que sua meta principal é manter suas bases em "pé de guerra" contra Reforma Agrária. Muitos de seus dirigentes são grileiros "bem sucedidos". Na constituinte, investem pesado contra a limitação do tamanho da propriedade rural, contra a imissão imediata de posse e a favor de indenizações em "dinheiro vivo" de acordo com a cotação de mercado. Outra posição assumida é a questão da política agrícola, centrando seus ataques contra os altos juros, os baixos preços... evidentemente, esta postura visa garantir seus altos lucros e desviar a atenção de seu objetivo central que é a luta contra a Reforma Agrária.

Conforme dados do Boletim Nacional da CUT — setembro de 87, a UDR possui 72 constituintes entre Deputados e Senadores, que receberam apoio direto, ou possuem vinculações com a entidade. Foram gastos mais de Cz$ 100 milhões na campanha eleitoral de 86. Seus constituintes estão assim distribuidos partidariamente: 27 no PMDB, 29 no PFL, 9 no PDS, 4 no PDC e 2 no PTB e 1 no PL. Do RS, destacam-se os deputados Ivo Mainardi — PMDB, Nelson Jobim — PMDB e Osvaldo Bender — PDS. A segurança em relação aos rumos da Constituinte é evidente. É Ronaldo Caiado quem afirma: "Do jeito que está, a constituinte atende 100% das nossas propostas", conforme Diário do Sul de 14/07/87.

A organização da UDR no RS está em franco andamento, pois já possui várias sedes-núcleos regionais, destacando-se os de Bagé, Cachoeira do Sul, Viamão, Rio Pardo, Cruz Alta e Carazinho... Seu presidente é o médico Gilberto Scoppel de Morais. Sua agressividade e truculência foi comprovada na ocupação da Fazenda São Juvenal, em Cruz Alta, no mês de julho passado, onde montou uma verdadeira operação de guerra. O que ficou evidente também foi os reais compromissos do governo Simon, que simplesmente se omitiu e foi conivente com toda as arbitrariedades e violências patrocinadas no estado.

As táticas de ação

De uma maneira geral, a UDR se apresenta em público como uma entidade dinâmica que defende os interesses dos "produtores rurais" (até hoje esquecidos). Porém, o seu objetivo real é defender o latifúndio a qualquer preço. Sem dúvida, seus métodos vão muito além da defesa "democrática" dos produtores rurais. Na verdade ela combina duas maneiras de ação: **1º — Abertamente,** tenta criar uma opinião pública favorável gastando milhões com os constituintes, com propaganda mentirosa, para atrair pequenos e médios agricultores, dizendo que a Reforma Agrária vai tomar a terra de todo mundo. Para isso vale-se do seu livre trânsito junto às autoridades federais. **2º — Às escondidas,** age com violência espalhando terror no meio rural, para impedir a organização dos trabalhadores rurais e a realização da Reforma Agrária.

· De forma progressiva tem usado três táticas: 1º — Agredindo a sociedade toda com discurso contra a Reforma Agrária, promovendo e participando de iniciativas que envolveram a compra de armas, organizando forças para-militares, utilizando pistoleiros de aluguel e forças policiais para promover despejos, incêndios de casas e assassinatos de trabalhadores rurais. 2º — Apesar de manter a luta contra a Reforma Agrária, passou para a sociedade brasileira a imagem de que é uma organização de produtores rurais. Destaca-se as passeatas e manifestações de 12 de fevereiro e 11 de julho em Brasília e manifestações em algumas cidades no dia 10 de março de 87. Foram manifestações em torno dos problemas da produção — falta de créditos, juros, preços, etc...

3º — Procura afastar os trabalhadores rurais de suas entidades e organizações autônomas: sindicatos, movimentos, CUT, partidos classistas, e apresenta os trabalhadores sem terra como inimigos dos pequenos proprietários, aproveitando principalmente dos sindicatos rurais.

A disposição de garantir a qualquer custo seus interesses está expressa na sua orientação mais recente:" para cada nova ocupação a UDR lavantará acampamento". Trata-se de sua face oculta, responsável por milhares de assassinatos e mutilações de trabalhadores rurais — só de janeiro a junho de 87, foram assassinados 87, segundo dados da CPT. Já a sua face pública, aparece circulando de terno e gravata e age com cuidado perante a imprensa.

Além de sua relação com o poder de Estado é interessante notar a estrutura de poder da própria UDR, pois o seu centro de poder e decisões não se localiza neste ou naquele partido, nem é centralizada politicamente por alguma estrutura partidária. Pelo contrário está representada como vimos em vários partidos burgueses, com quem mantém relações interesseiras e pragmáticas. Seus dirigentes se orgulham de sua capacidade de persuação e convencimento junto aos constituintes e autoridades. Existe a hipótese, muito remota, de virem a formar um partido político de extrema direita e de caráter agrário. De qualquer modo, não resta dúvida que o papel político da UDR é a centralização dos latifundiários em termos de ação e pensamento constituindo-se numa força de extrema direita que impõe seus interesses frente ao governo da "Nova República" usando os meios que achar conveniente. Como conseqüência disto fica evidente que a luta pela Reforma Agrária faz parte de uma luta de classes mais ampla, que implica na unidade dos trabalhadores e seus aliados para vencer o cerco e a unidade de ação imposta pelo inimigo de classe, no caso a burguesia latifundiária.

Resposta de classe

Se a manipulação e cooptação ideológica tem sido um mecanismo muito bem usado pela UDR, também é correto afirmar que as deficiências políticas e orgânicas dos trabalhadores, principalmente ao nível da CUT e do movimento sindical como um todo, o baixo nível de organização e politização dos pequenos e médios agricultores, tem possibilitado o fortalecimento das posições conservadoras no campo. Neste sentido, uma forma fundamental de manipulação é o escamoteamento da questão de classes ou das classes sociais no campo, divulgando-se o conceito de "produtor rural" ou de "classe produtora". Isto tem momentaneamente fortalecido os latifundiários, que conseguiram envolver parcelas dos pequenos e médios agricultores nas mobilizações sobre política agrícola, e está jogando muitos deles para as propostas e o discurso demagógico da UDR. Muitos pequenos agricultores encaram os sem terra como seus inimigos. Outros participam das organizações regionais da UDR. Facilitando o trabalho dos latifundiários existe as deficiências políticas e equívocos do Movimento dos Sem Terra. A condução da luta até agora vinha dificultando uma ação conjunta com os pequenos e médios agricultores e, principalmente, um engajamento mais coeso com o movimento sindical como um todo numa perspectiva de uma aliança operária-camponesa.

No estágio atual de luta e da correlação de forças, coloca-se como uma tarefa urgente uma ofensiva mais global e de conjunto contra a UDR e seus aliados. É neste sentido que a CUT está encaminhando uma campanha massiva de esclarecimentos e denúncias públicas contra o latifúndio e a violência no campo. Porém é fundamental que haja uma compreensão mais profunda da problemática agrária/agrícola e o significado político da luta pela reforma agrária.

A tese da secretaria rural da CUT/RS aprovada no IV Congresso arma de conjunto e dá bases e orientações políticas seguras para os encaminhamentos e lutas no meio rural. Mas não bastam apenas as definições e orientações políticas corretas. É necessário efetivamente uma vontade política e disposição democrática de todos os setores que lutam no meio rural, principalmente no campo da CUT, em vista de uma ação unificada e coesa de caráter anti-capitalista. É neste sentido que é prioritário o reforço das instâncias da CUT como verdadeiro pólo político de discusão, elaboração e direção do movimento. Por outro lado, é indispensável avançar no nível de politização e trabalho de massas, bem como dar passos mais concretos na efetivação da aliança operário/camponesa, como uma resposta capaz de construir uma contra-hegemonia, ou seja, a hegemonia dos trabalhadores.///

Quadro do absurdo

O processo de concentração da propriedade da terra no Brasil é crescente. Em alguns casos, chega ao absurdo. Os 27 maiores latifundiários no Brasil são donos de mais de 25 milhões de hectares. Para ter uma idéia, essa é uma área superior a do estado de São Paulo. Menos de 6% desses 25 milhões de hectares estão sendo aproveitados. Estes são os "produtores" da UDR.

Destes 27 latifundiários, um deles é dono de mais de quatro milhões de hectares. A reforma agrária nas terras deste único latifundiário poderia assentar 40 mil famílias dando 100 hectares a cada uma delas. Um terço das 130 mil famílias gaúchas Sem Terra poderia ser assentado com a desapropriação desta única propriedade.

No Brasil, existe atualmente 10 milhões e seiscentos mil trabalhadores rurais sem terra. A metade das propriedades rurais brasileiras são menores que 10 hectares. Ou seja, 50% dos proprietários rurais brasileiros são donos de apenas 2,5% das terras. Ao mesmo tempo, temos 48 mil propriedades com mais de mil hectares. Ocupam quase a metade (45%) das terras agrícolas do país. Os 2,5% das terras ocupadas pelos minifundistas são responsáveis por 13% da produção agrícola brasileira. O latifúndio, com 45% das terras, é responsável por 16% da produção agrícola, apenas 3% a mais que o minufúndio. E estes são os "produtore" da UDR. Fontes: CEDES E IBGE/1980.

Gilberto Corazza faz parte da equipe técnica do GEA

Os estupradores que viraram heróis

Todo mundo lembra. Ano passado quatro jogadores do Grêmio foram acusados do estupro de uma menina de 13 anos na Suiça. De volta ao Brasil, foram recebidos como "heróis". No artigo a seguir, publicado originalmente no jornal MULHERIO n.º 33, é feita uma análise de como a imprensa gaúcha conseguiu este feito, deturpando os fatos e promovendo o machismo.

A publicação deste artigo numa revista dirigida para o movimento sindical rural e urbano tem um endereço certo. Não são poucas as vezes em que as mulheres nos sindicatos são tratadas, na relação com os dirigentes sindicais homens, não como bases do sindicato ou companheiras de luta mas como simples objeto de cama. A discussão em torno do caso dos jogadores do grêmio pode ser proveitosa. O artigo que apresentamos certamente não esgota o tema.

(Paulo Cezar).

Mirian Grossi e Carmen Rial

Uma pequena multidão de quinhentos torcedores, repórteres e fotógrafos tomava o saguão do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, às 18h do dia 29 de agosto, quando taxiava na pista o avião da Varig que trazia de Zurique os quatro jogadores gremistas presos na Suíça, acusados do estupro de uma menina de 13 anos. As bandeiras e camisetas do Grêmio e do Internacional curiosamente unidas e as crianças erguidas nos ombros de seus pais davam um clima de festa ao desembarque dos quatro jogadores: Henrique Etges, Fernando Castoldi, Eduardo Hamester e Alexi Stival, o Cuca. Atônitos e surpresos pela recepção, eles desculpavam-se e se diziam arrependidos pelo que tinham feito, visivelmente demonstrando não estarem compreendendo o que se passava. Só depois é que se deram conta que os gritos de "puta, puta" eram dirigidos à menina Sandra Pfäffli e que a opinião pública gaúcha não estava ali para condená-los ou esperando desculpas: eles eram os heróis, tinham conseguido, imagine, provar à Suíça e ao Mundo que ainda existem machos, pelo menos no Rio Grande do Sul.

O tom nas entrevista foi mudando, as perguntas habilmente dirigidas pelos repórteres ofereciam espaço para declarações sobre a solidão, as dificuldades de comunicação com o carcereiro e os outros detentos e contra a terrível comida servida nas prisões de Berna — onde faltava a totêmica carne dos gaúchos. Enfim, pequenos detalhes que ajudavam a confirmar para o público o que os comentaristas esportivos já vinham dizendo há quase um mês. Do estupro, nenhuma palavra. Como heróis, os quatro firmaram um pacto de silêncio para evitar prejudicar um ou outro dos companheiros.

Alguns dias antes, tinham desembarcado neste mesmo aeroporto Val-

do e Tafarrel, os dois jogadores gaúchos titulares da seleção brasileira campeã nos jogos Pan-Americanos. Nenhum torcedor os esperava. As medalhas de ouro que traziam nas mãos não comoveram, pois eram simplesmente uma vitória no campo esportivo, já a dos quatro acusados de estupro sim, tinha valor: era uma vitória da honra gaúcha, da hombridade e, é claro, também da crônica esportiva que conseguiu em um mês transformar os quatro acusados de crime em vítimas de um "juiz nazista" e o estupro de uma menina de 13 anos por três dos jogadores em uma "travessura" inconseqüente.

Estrupro, o souvenir

A "aventura" de Fernando, Henrique, Cuca e Eduardo começou às 15h do dia 30 de julho, quando a menina Sandra, acompanhada de seu namorado e de um amigo, bateu no quarto 204 do Hotel Metropole, em Berna, — onde se hospedava a delegação gremista — em busca de um souvenir do clube. O que aconteceu no quarto a própria Sandra contou logo depois à policia suíça e ao Jornal Blick de Zurique: *"...primeiro os quatro jogadores brasileiros expulsaram do apartamento os dois amigos que me acompanhavam e então os quatro avançaram sobre mim. Três me seguraram, enquanto o outro me violentava. Então veio um segundo brasileiro e me violentou também. Eu tenho medo de ficar grávida, eu não tomo anticoncepcionais".*

Tão logo a queixa foi registrada na delegacia de polícia de Berna, os policiais foram até o Hotel e prenderam Henrique e Eduardo e mais tarde Cuca e Fernando, os outros dois jogadores. Todos foram mantidos em celas individuais e em presídios diferentes à partir deste momento.

Os dirigentes do Clube tentaram abafar o que, à primeira vista, parecia um fato altamente negativo. Só dois dias depois, quando o Grêmio teve de disputar uma partida sem contar com os quatro reservas, é que a notícia chegou ao Brasil. A excursão prosseguiu até o final e, na volta, a delegação teve uma recepção de rotina com apenas três torcedores saudando os jogadores titulares. E, como a situação dos presos não melhorava, o Grêmio enviou ao Cantão de Berna um advogado do clube, Luis Carlos Silveira Martins, que se juntou aos dois advogados suiços que tratavam do caso.

A esta altura, o escândalo já ganhava espaço na imprensa. Sem nenhum jornalista gaúcho no local até o dia 15, a solução dos jornais, rádios e TVs para manter o intenso debate em torno do caso foi a especulação, a imaginação e a mentira. Logo surgiram atenuantes. O namorado da garota seria um rapaz "ciumento" que a teria obrigado a prestar queixa na delegacia, de comum acordo com o pai de Sandra, que por estar se separando da mulher, teria interesse em provar que a educação da menina estava sendo negligenciada. Falava-se ainda em "um complô internacional para prejudicar a imagem do clube gaúcho no Exterior".

Depois se especulou que só dois jogadores teriam violentado a menina, enquanto os outros dois davam cobertura no corredor. E também que Sandra, "menina de vida tão liberal", já teria transado com jogadores do Grêmio na excursão do ano passado, em Berna. No entanto, a versão do próprio advogado do Grêmio não abre espaço para qualquer atenuante: "... um dos jogadores manteve relação sexual completa, outro apenas sexo oral, enquanto um terceiro fez carícias e o quarto foi um 'voyeur' conivente: apenas olhou", declarou Silveira Martins na Zero Hora do dia 31 de agosto.

"Doces Devassos"

Se o Jornal Nacional da Rede Globo tratava do fato com algumas objetividade, a imprensa do Rio Grande do Sul, liderada pelo cronista/torcedor Paulo Santana, começava a sua campanha em favor dos acusados, numa total distorção dos fatos. Primeiro tratou-se de alterar a idade de Sandra: como 13 anos soa muito violento, ela passou a ter "14 incompletos" e depois "14 anos". Como ainda assim teria sido difícil de se aceitar um estupro de uma menina por quatro jogadores, os cronistas trataram de ir esclarecendo aos leitores de Zero Hora e Correio do Povo, telespectadores e ouvintes da Rádio e TV Gaúcha que "meninas de 14 na Suíça já transam com os namorados e tomam pílulas" e "são verdadeiras mulheres capazes de seduzirem qualquer um".

Lauro Quadros, outro cronista de *Zero Hora*, principal jornal do Estado, dava explicações pedagógicas no *Jornal do Almoço* da RBS: "Eu sou pai, você que é mãe ou pai vai me entender: não é a mesma coisa um filho ou uma filha. Todo pai quer que o seu filho fature todas as meninas do bairro, quer que ele seja o garanhão da turma. Já com a filha é diferente. Não se deve culpar os rapazes do Grêmio por terem feito o que todo o pai gostaria de ver o seu filho fazer". De estupradores, os jogaodres foram se transformando em "homens normais" que reagiram como qualquer um teria reagido diante de um "mulherão , uma mocetona". "É um rosto de menina num corpo de mulher", explica outro cronista para justificar o "espanto" dos jogadores ao descobrirem a idade da vítima, já na prisão. "Meu filho não é um homossexual", argumentava a mãe de Eduardo, "ele não é culpado de nada, a garota é que foi lá tirar a roupa na frente deles, que não são homossexuais e agiram como homens". Declaração aproveitada pelos "formadores da opinião pública", que chegaram a gozar os jogadores do time adversário dizendo que, de agora em diante, seriam chamados de "bichas".

Uma vez transformada em "ato de homem" a violência dos quatro sobre a menina, tratava-se agora de transformar os "travessos" rapazes em vítimas das leis Suíças. E aí a crônica mostrou-se pródiga em asneiras. Chegaram ao ponto de comparar o processo de instrução suíço à Inquisição, de afirmar que o criminoso nazista Rudolf Hess recebia melhor tratamento em Spandau, e até que o líder comunista Luis Carlos Prestes teria tido prisão melhor durante os nove anos em que ficou incomunicável no Estado Novo. Enquanto isto o próprio advogado do Grêmio esbanjava elogios às prisões suíças, descrevia como "lauto banquete" as refeições servidas a um dos detentos e o fotógrafo de *Zero Hora* enviava fotos dos pequenos e confortáveis castelos, que servem de prisão na Suíça. Não obstante, Paulo Santana sugeria a seus leitores que lessem o "clássico" *Papillon* para compreenderem o que estava acontecendo com os quatro e citava artigos da "Carta dos Direitos do Homem" para provar que os suíços contradiziam o acordo internacional.

Miriam Grossi é antropóloga e doutoranda na Universidade de Paris, onde prepara a tese **Discurso e representações de violência contra a mulher a partir do estudo de caso do SOS-Mulher de Porto Alegre.**

Carmen Rial é jornalista, antropóloga e professora na Universidade Federal de Santa Catarina, onde elabora a tese **Espaço Doméstico na Lagoa da Conceição.**

Pérolas da imprensa (machista) do RS

"Os jogadores do Grêmio não assimilaram a mudança do fuso horário. Levaram um choque de costumes... Agora é só torcer — no que acredito — que a Justiça suíça faça justiça. Isto é, que ela encare o fato como realmente foi: uma travessura irresponsável e de total imprevidência dos seus autores quanto à sua ilicitude e conseqüências".

Paulo Santana, Zero Hora, 8/8/87.

Não faltou sequer um teste de escolha múltipla: "Pense e responda:

a) uma garota que está sendo estuprada não grita? b) se grita, ninguém ouve, mesmo estando num hotel? c) havendo violência, a vítima não reage a ponto de ferir-se?"

Wianey Carlet, Correio do Povo, 8/87.

E o que dizer quando o estupro passa a ser um "deslize sexual" menos grave que o justo? "Alguns pecaram mais que outros, se é que houve pecado... O fato ocorrido no hotel de Berna é normal em quase todas as excursões, fora ou dentro do país... Se os jogadores tivessem furtado, praticado desordem séria ou outra atitude demasiadamente desabonatória, eu aconselharia sua eliminação do clube. Mas um deslize de ordem sexual em que, visivelmente, colaborou para sua consumação uma conduta, no mínimo, quase conivente da chamada vítima, não deve servir de amparo a uma decisão drástica."

Paulo Santana, Zero Hora, 29/9/87.

Violência? Claro que não. "Ficou mais do que claro, pelo menos para mim, que não houve violência no ap. 204 do Hotel Metropole. Pode-se questionar, isto sim, o bom gosto dos envolvidos... Mas corres e sabores não se discute, resta dar as boas-vindas aos nossos doces devassos".

Wianey Carlet, Correio do Povo, 29/8/87.

Segundo a lógica machista, culpados são os que não estupram mulheres, as "bichas": "Na semana que vem chega o Internacional. Parece que estou vendo a cena no Aeroporto Salgado Filho: Terezinha Morango (torcedora-símbolo) e a torcida Fico em coro para os jogadores colorados: "bicha" "bicha", "bicha".

Paulo Santana, ZH, 20/8/87.

As fotos publicadas de Sandra foram mais um estímulo à imaginação: "...quem achar que a Sandrinha é bagulho, que atire a primeira pedra".

Lauro Quadros, ZH, 18/8/87.

"...a moça Sandra, que seduziu ou foi seduzida pelos jogadores do Grêmio... E que moça bonita a Sandra. Uma mocetona. Nem parece que tem só 13 anos. Uma mulher com aquela beleza sempre causa complicação. Até mesmo para quem casa com ela."

Lauro Quadros, ZH, 31/8/87.

"...uma foto vale mais do que mil palavras, basta comparar a que mostra a esfuziante Sandrinha, na festa dos Young Boys, com a que revela a cara abatida dos jogadores saindo da prisão, para confirmar que, lei à parte, sofrimento moral só os quatro brasileiros tiveram."

Paulo Santana, ZH, 18/8/87.

Como se tornar Amélia ou as receitas dos cronistas gaúchos à mulher de Cuca: "Esta é a hora de Rejane. Se, consideradas as circunstâncias, ela revelar sensibilidade e compreensão, é porque se trata de uma grande mulher. Já imaginaram o Cuca conseguir o que conseguiu, telefonar, e levar outra paulada na cabeça? Não, isto não vai acontecer."

Lauro Quadros, ZH, 28/8/87

"O Juiz suíço é o mais cruel de todos que já vi. Equipara-se a um ditador sanguinário. Pois além de manter Cuca incomunicável, a única brecha que abre para o presidiário é justamente a da tortura de explicar para sua esposa o que houve naquele apartamento de hotel... teremos que mandar para lá o Jair Kriscke dos Direitos Humanos... O Cuca tinha uma única vantagem em estar incomunicável e atirado no catre da cela: não ter que explicar à mulher o acontecido com a garota".

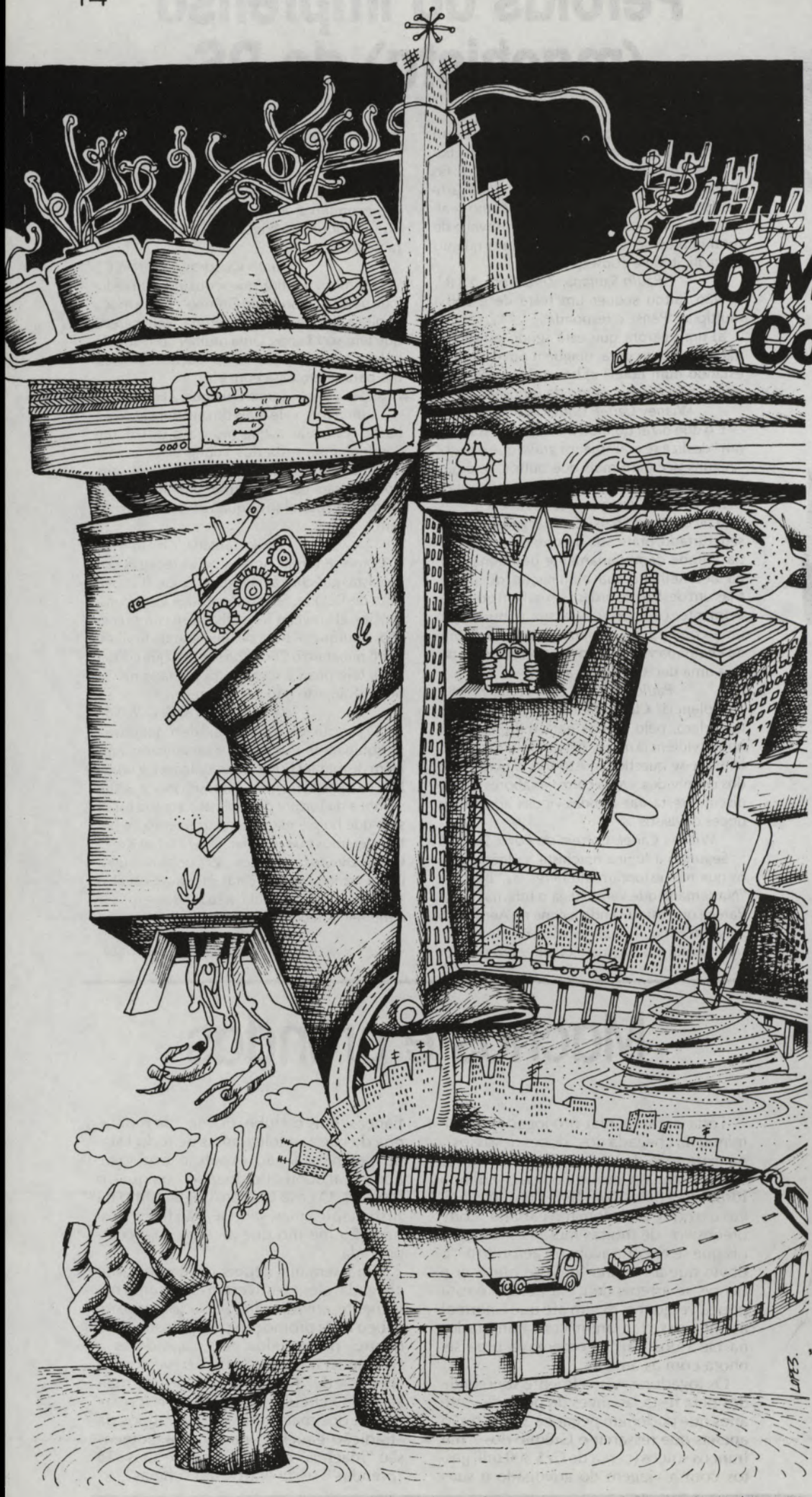
Paulo Santana, ZH, 23/8/87.

Machos e prendas

Toda a campanha pró-jogadores culminou na chegada dos "doces devassos", na expressão de Wianey Carlet, cronista do tradicional Correio do Povo, quando foram recebidos com flores por suas noivas e o que é pior, com um carinho "compreensivo" de muitas mulheres torcedoras que se encontravam no aeroporto. "É obvio que a menina foi lá se oferecer e depois se arrependeu. Na Europa é esta pouca vergonha, dizem até que é normal as meninas transarem com namorados na casa dos pais", comentava uma senhora com as amigas.

Os jogadores, visivelmente supreendidos pela festa, ao invés da pena de vinte anos que poderiam pegar na Suíça, terão apenas que ressarcir o Grêmio dos 7 mil francos suíços (cerca de Cz$ 300 mil) gastos com a viagem do advogado e suas fianças. Pois o clube, diante "da montanha de cartas e telegramas de todo Estado pedindo a não expulsão dos jogadores", acabou "perdoando" os quatro reservas. O caso terá prosseguimento na Justiça suíça mas, sabe-se, não haverá extradição mesmo que a culpa seja comprovada.

Uma semana depois da empolgante chegada, eles já estiveram em campo novamente, em Joinville (SC) — jogo que recebeu farta promoção pela presença dos quatro: promovidos de estupradores a "meninos travessos", de "travessos" a "heróis", de "heróis" a atrações de marketing. O círculo se completa, reforçando um dos mais antigos estereótipos da "tradição gaúcha", na qual os homens são "machos" e as mulheres, se suas são "prendas", se de outros são "chinas".



O Movimento Comunitário Gaúcho

Expulso de suas terras pelo processo de concentração fundiária, os trabalhadores rurais, os pequenos proprietários, os sem terra vieram, nos últimos 20 anos, parar nas cidades. Hoje, dois terços da população do país mora nos centros urbanos, sendo que 35 milhões de pessoas se concentram nas nove maiores capitais.

Um fio de sofrimento, de tragédia cotidiana, acompanha a trajetória de milhões de famílias que vieram parar nas periferias urbanas. As cidades não estavam e não estão preparadas para abrigar tanta gente. Falta moradia, falta rede de água e esgoto, falta luz, calçamento, transporte coletivo, atendimento médico... Enfim, falta o básico para que o fato de morar numa cidade não se transforme num inferno diário.

E falta acima de tudo uma política do Estado no sentido de criar a infra-estrutura urbana necessária para abrigar estes 80 bilhões de brasileiros. A única alternativa das periferias urbanas, invariavelmente, é a luta. A expressão organizada desta luta no estado é o movimento comunitário.

Suzana Moura

O movimento comunitário no Rio Grande do Sul tomou impulso no final da década de 70, assim como em outros estados. Esse impulso se deu com base em lutas de resistência a despejos e pelo acesso a serviços urbanos como água e luz, e em movimento mais amplos como o Movimento Contra a Carestia (MCC). Hoje, passados quase dez anos, o movimento comunitário conta com uma estrutura organizativa razoável. No Estado, temos aproximadamente 1.300 associações de moradores, 22 uniões municipais e uma federação fortalecida. A FRACAB, que em 82 tinha apenas 250 associações filiadas, hoje conta com mais de 800.

Esse crescimento quantitativo não deve ser visto apenas como resultado de processos de luta efetivos. Outros fatores têm interferido no movimento comunitário: muitas entidades (associações e uniões) foram criadas como instrumentos de administração municipal, braços de instituições governamentais ou simples instrumentos de manutenção de currais eleitorais de vereadores e "políticos" de partidos burgueses. Estes aspectos são importantes de serem analizados para podermos avaliar o crescimento qualitativo do movimento.

Por exemplo, até agora, apesar dessa estrutura de articulação estadual e municipal, são poucas as experiências de lutas unificadas. A tônica do movimento comunitário ainda é a dispersão e o isolamento das lutas nas vilas e bairros.

Lutas Gerais

A FRACAB, desde a sua retomada pelo setor combativo em 82, tomou iniciativas de articulação nas seguintes questões: mutuários, a partir de 83; campanha de luta contra o desemprego, entre 83 e 85; defesa na justiça dos aposentados e pensionistas do INPS, a partir de 86. Mais recentemente, a FRACAB tem apoiado e contribuido com a articulação de alguns movimentos relacionados a moradia: ocupação dos conjuntos habitacionais, a partir de maio de 87 que reúne mais de 100.000 pessoas de 16 conjunto habitacionais (Canoas, Porto Alegre, Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí), e o movimento pela defesa da moradia de Novo Hamburgo e São Leopoldo.

Por outro lado, nem todos os movimentos que envolvem alguma articulação vem se dando a partir das entidades municipais. Como exemplos temos: o movimento pela melhoria do transporte coletivo de Sapucaia, onde a direção da União Municipal (Presidente) se negou a particular e é formado por associações de moradores, entidades sindicais e partidos (PT e PSB); o movimento em defesa da moradia de Novo Hamburgo, onde a União tem uma participação formal, e reúne associações de moradores, entidades sindicais e moradores "sem teto".

Os "setores" do movimento

Não encontramos no movimento comunitário correntes que expressem projetos políticos definidos como temos hoje a CUT, a CGT e a USI no movimento sindical. Pelo que se acumulou nos últimos dez anos, encontramos uma diferenciação de práticas políticas levadas nas entidades, que podemos agrupar, num primeiro momento, em dois setores: "oficialistas" e "combativos".

O setor "oficialista" pode ser caracterizado pela sua subordinação direta frente ao estado e por uma relação paternalista e autoritária frente a sua base (moradores ou associações de moradores, no caso de entidades municipais). Podemos situar nesse setor lideranças "pelegas", e algumas mais atrasadas. Esse é o campo de atuação da tradicional política de clientela levada adiante por parlamentares e candidatos a cargos eletivos de partidos burgueses (PDS, PFL, PMDB, PDT...). Nesse caso, as associações de moradores e uniões municipais servem de instrumento para manutenção de currais eleitorais em troca de alguns benefícios e pequenas melhorias. É nesse campo, também, que mais recentemente tem se desenvolvido a política de alguns partidos (PMDB e PDT, principalmente) no sentido de garantir uma base de sustentação não só eleitoral, mas também governamental, de modo a minimizar ou neutralizar movimentos que "atrapalhem" a administração. Exemplo disso é a tentativa de articulação de chapas "puras" para concorrer a eleições de uniões municipais (Caxias e Pelotas). É também a cooptação de direções do movimento comunitário através do empreguismo (cargos de confiança).

O setor combativo, que tem uma expressão maior no movimento, pode ser caracterizado por sua referência aos princípios de independência (autonomia) frente ao estado e partidos e de democracia interna. Princípios estes estabelecidos em congressos e estatutos, mas que em alguns casos não corresponde à prática, a exemplo do aparelhismo partidário que se desenvolve em algumas entidades.

No campo combativo se situam lideranças vinculadas a partidos de esquerda (PT, PC, PCdoB), principalmente, e lideranças ainda vinculadas ao PDT ou a nenhum partido. A unidade e identidade desse setor não é tranqüila. Em alguns processos eleitorais saem em chapas opostas (em Novo Hamburgo, por exemplo, o PC do B se aliou ao PMDB em oposição a uma chapa cuja a hegemonia era do PT). Há também práticas diferenciadas, quanto ao método de construção do movimento, do seu caráter mais ou menos massivo ou mais ou menos de representação. Provavelmente com o avanço do movimento e da elaboração de projetos políticos nos partidos ou mesmo por fora des-

Mapa do movimento

Associações de Moradores:
Uniões Municipais: *22*
As cidades com Uniões Municipais organizadas e suas respectivas datas de fundação são as seguintes: Porto Alegre-83; Alvorada-81; Gravatai — possui duas, a primeira de 81; Viamão-85; Canoas-82; São Leopoldo-81; Sapucaia-81; Esteio-84; Novo Hamburgo-83; Dois Irmãos-87; Santa Maria-79; Caxias-63; Pelotas-79; Ijuí-00; Lageado-85; Passo Fundo-00; Rio Grande-00; Alegre-79; Bagé-00; Canela-00; Venâncio Aires-84.
Federação Estadual: *uma*
A FRACAB, Federação Rio-grandense de Associações Comunitárias e de Amigos de Bairro foi criada em 1959. Conta atualmente com 800 Associações de Moradores e 19 Uniões Municipais filiadas.
Fonte: FRACAB

tes se explicitará as diferenças existentes nesse setor.

A "Nova República" nos bairros

O discurso da democracia participativa, ou participação comunitária, que surge em oposição ao autoritarismo dos governos do PDS (ARENA), tem se traduzido em uma série de iniciativas por parte dos governos federal, estadual e algumas prefeituras do PMDB e do PDT. Coisas da "Nova República".

Guardadas as diferenças, tais iniciativas vêm no sentdo de puxar as entidades populares para dentro dos aparelhos de estado e as lideranças para transações nesse campo; e de fazer com que as Associações de Moradores sirvam de instrumento de repasse de programas governamentais, sejam um braço do Estado nas vilas e bairros populares. Em síntese, essa "nova" relação que os governos buscam estabelecer com os setores e organizações populares, é uma forma mais sutil de atrelamento que a tradicional política de clientela.

Os exemplos mais significativos dessas políticas "participativas", são os seguintes:

— O envolvimento das associações de moradores na execução de programas de caráter assistencialista, tais como distribuição de leite, de rancho, de agasalho, e distribuição de sopão... Os principais porta-vozes desses programas são a SEAC (Secretaria Especial de Ação Comunitária) e a LBA (Legião Brasileira de Assistência), instituições diretamente vinculadas ao governo federal. É muito difícil encontrar associações de moradores que não estejam repassando esses programas.

— O envolvimento das associações de moradores na construção e manutenção de creches. Esse programa é desenvolvido principalmente pela LBA, que entra com recursos para o mobiliário, alimentação e material de construção.

— Participação das associações de moradores e entidades de articulação (uniões municipais e federação estadual) em conselhos vinculados a órgãos governamentais. Embora em alguns casos sejam colocados como deliberativos, não passam de órgãos consultivos ou figurativos. Só para dar uma idéia da dimensão desse tipo de iniciativa, vejamos os Conselhos que a FRACAB se faz representar, atualmente: Conselho Estadual de Saúde; Conselho Estadual da Mulher; Conselho Deliberativo da FEBEM; Conselho Deliberativo do Depto. Municipal de Limpeza Urbana (Porto Alegre); Conselho Municipal dos

Novo norte

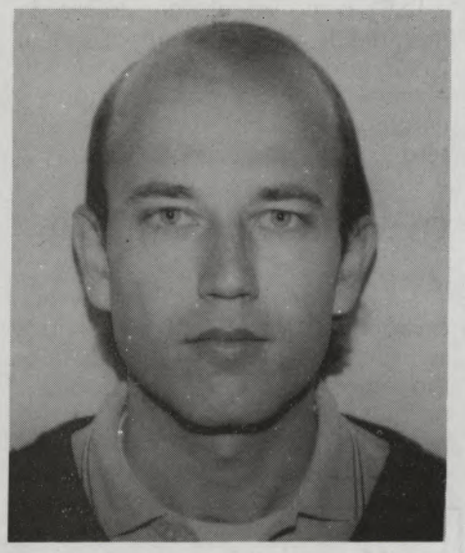
Depoimento de Waldir Bohn Gass, presidente da União de Associações de Moradores de Porto Alegre

— Quais os problemas centrais do movimento comunitário hoje?

— Waldir: *O movimento comunitário está vivendo uma crise de identidade. Antes se tinha claro o papel de uma associação de moradores. Era o de reivindicar melhorias e organizar os moradores em função disso. Hoje não dá mais resultados o encaminhamento de reivindicações via peregrinações diárias das lideranças. Não conseguimos formular outra concepção sobre o papel de uma associação de moradores. A organização, a estrutura, os quadros do movimento ainda são débeis. O peso do clientelismo tem sido muito grande. As lideranças estão sendo atraidas pelas propostas governamentais de participação "comunitária", e acabam sendo absorvidas pelos canais institucionais. Ainda não temos lideranças intermediárias com capacitação para desenvolver um trabalho de base qualificado. Ao mesmo tempo, o aspecto da necessidade da mobilização não está claro para a maioria das lideranças. O resultado é que se tem perdido muita energia em negociações que muitas vezes não dão em nada até porque a pressão organizada não existe. Então é preciso resolver este problema de como atuar, como se organizar, nesta nova realidade, resolver o problema da identidade do movimento comunitário.*

— Como tu acha que é possível construir um novo perfil de trabalho, a partir de quê?

— Waldir: *É necessário estudar, conhecer melhor a história do movimento comunitário, ver meios de criar uma ação contrária à ideologia dominante e à política do estado hoje, dos organismos que estão tentando cooptar e domesticar o movimento. É necessário criar canais de organização para romper com os valores e a ideologia dominante, de modo a desenvolver a criatividade, a solidariedade, a auto-organização e o conhecimento sobre os direitos.*



Waldir

Neste sentido, num primeiro momento, acho que devemos desenvolver experiências localizadas naquelas regiões onde o movimento apresenta maior potencial, construindo lutas unificadas e implementando outras atividades na perspectiva de construir um novo norte político para as associações de moradores. Em relação a UAMPA, por exemplo, é necessário discutir o seu papel hoje e chegar a um consenso sobre as lutas prioritárias. Estas experiências localizadas, se bem sucedidas, é que poderão servir de exemplo, apontar um caminho a seguir. O problema todo é que a situação é nova e não existe fórmula pronta para resolver os problemas. Por isso o estudo e a reflexão neste período são tão importantes. É claro que sem cair num internismo, sem que isto signifique abandonar as lutas que se colocam.

— A articulação do movimento comunitário com os outros movimentos, com as outras lutas, como é que tu compreende?

— Waldir: *Nos não podemos ver o movimento comunitário isolado das outras lutas dos trabalhadores, e menos ainda isolado da luta dos trabalhadores pelo socialismo. O movimento comunitário é uma das frentes de trabalho. E no caso do Brasil não é uma frente pouco importante. O modelo econômico dependente do imperialismo, o capitalismo no Brasil, já deu mostras de que não tem nenhum interesse nem é capaz de atender as demandas sociais que aparecem nos bairros e vilas, que se organizam via associações de moradores. O movimento comunitário precisa ser concebido como parte do movimento da classe trabalhadora contra a opressão e a exploração. Nesta medida, as associações de moradores tem de ser entendidas como associações classistas, anti-capitalistas, porque sob o capitalismo até é possível obter algumas conquistas, algumas melhorias, mas não é possível resolver a contendo os principais problemas. Entendido desta forma, o movimento precisa estar dentro da estratégia geral da classe e se articular com os demais movimentos populares sempre que for necessário e possível. A articulação com o movimento sindical hoje é particularmente importante para conferir este perfil ao movimento.///*

Transportes (Porto Alegre); Conselho Deliberativo da Cobal; Conselho do PAISM (Programa de Assistência Integral a Saúde da Mulher).

— Envolvimento das associações de moradores e entidades de articulação na discussão de projetos governamentais, a exemplo do projeto dos "Conselhos Populares" de iniciativa da Prefeitura de Porto Alegre (PDT). Essa discussão envolveu uma parcela significativa das associações de moradores e a UAMPA (União das Associações de Moradores de Porto Alegre), durante 7 meses em 86. Hoje, passado quase um ano desde o encaminhamento do projeto de lei à Câmara de Vereadores, foi votado e rejeitado, sem que houvesse um processo de mobilização e pressão das associações no sentido da sua aprovação.

— Abertura dos gabinetes e participação de secretários e Prefeitos em reuniões nas vilas e bairros para ouvir e discutir as reivindicações das associações de moradores.

As conseqüências

Tais iniciativas e a postura de abertura ao diálogo, tem trazido algumas conseqüências para o movimento comunitário:

— Não podemos dizer que houve uma cooptação do movimento comunitário, mas um certo atrelamento que se expressa numa subordinação do movimento à dinâmica imposta pelos governos, e portanto uma diminuição no nível de mobilização. Esse processo atingiu inclusive as associações e uniões mais combativas.

— As lideranças passaram a assumir uma série de tarefas que pouco somam para organização do movimento. Reuniões de comissões e conselhos, seminários, audiências, atividades burocráticas para o estabelecimento de convênios e repasse dos programas governamentais, entre outras, são tarefas que consomem boa parte do tempo das lideranças.

— Reforço da tendência que existe de se perceber as associações de moradores como órgão de prestação de serviço e não de luta. Essa é uma idéia comum entre moradores e algumas lideranças.

É importante avaliar as razões, internas ao movimento comunitário, que contribuíram para essa situação.

Para um conjunto de lideranças, essa "nova" postura e todas as iniciativas de participação na discussão e execução de programas governamentais, são vistos como um meio de facilitar o acesso ao "poder" para conseguir benefícios e melhorias. Portanto, não há o que questionar. Compartilham dessa posição não só os "pelegos", mas uma série de lideranças atrasadas que em momentos de repressão assumiram (e assumiriam) posições combativas de lutar para ser ouvido. Como hoje as portas estão "abertas", não vêem necessidade de mobilizar os moradores para a luta.

Outro conjunto de lideranças, mais combativas, avaliam que não dá para virar as costas a essas iniciativas, embora assumam uma postura crítica. Em alguns casos se considera algumas iniciativas como positivas, por responderem a um anseio do movimento, a exemplo da participação em conselhos. Em outros casos se avalia como possível utilizar determinados programas no reforço da organização do movimento, a exemplo da distribuição do ticket de leite.

Devemos considerar que o MC no Estado não acumulou uma discussão e, portanto, não formulou propostas quanto a relação com o Estado num momento de abertura em que setores populistas, progressistas ou populares assumem o governo. E, nesse caso, buscam de diferentes modos estabelecer uma relação com os setores e organizações populares, bem diversa da repressão e do descaso do regime militar. Essa é uma questão que precisa ser discustida no movimento comunitário para que propostas de participação popular, por mais bem intencionadas que sejam, não signifiquem um atrelamento das entidades populares à máquina estatal. Mesmo se considerando que tais propostas não atrelam por muito tempo, pois os problemas urbanos não são resolvidos, pelo contrário, tendem a se agravar.

Suzana Moura *é técnica da FASE e assessora da União das Associações de Moradores de Porto Alegre e de associações da zona norte de Porto Alegre.*

A luta nos bairros e o movimento sindical

O Estado retira recursos para seus gastos da riqueza produzida pela sociedade. Se o Estado (ou seja, na prática, os governos nacional, estadual ou municipal) gasta em obras e estruturas que beneficiam os trabalhadores, estes estão aumentando sua participação no produto social.

No Brasil chega a ser acintoso o favorecimento pelo Estado dos interesses dos grandes grupos econômicos. As prefeituras, os palácios estaduais, as câmaras de deputados e vereadores, trabalham para servir a burguesia nos seus vários níveis. São raras as iniciativas que visam atender os interesses dos trabalhadores que são aprovadas e se transformam em realidade.

Os interesses antagônicos na sociedade portanto se fazem presentes também nas questões que motivam a luta comunitária. Tais interesses são mais difíceis de identificar que, por exemplo, numa luta salarial. Mas existem da mesma forma.

Pelo caráter das questões que estão em disputa na luta dos bairros, o atrelamento das associações às prefeituras e a manipulação dos movimentos se torna mais fácil e é freqüente. Por isso, e também pelo fato de que no fundo o interesse do trabalhador na fábrica e no bairro é o mesmo, é importante um estreitamento de relações entre os movimentos de bairro com o movimento sindical.

O pólo combativo do movimento comunitário tem se esforçado neste sentido. De um modo geral, a articulação com o movimento sindical até agora tem se dado em torno das lutas gerais dos trabalhadores. Um destes momentos em que o movimento comunitário cumpriu um papel importante foi na greve geral de julho de 83. As associações combativas se engajaram na preparação, organização e garantia do sucesso da greve. Tem havido também tentativas de articulação, até agora com resultados apenas satisfatórios, em lutas que envolvem a questão dos transportes e o desemprego.

Em que pese o corporativismo da estrutura sindical, alguns setores do movimento vem compreendendo a importância crescente desta articulação para ambos movimentos. É o caso, por exemplo, do

Sindicato dos Sapateiros de NH cuja diretoria atual investiu na criação no interior do sindicato de um departamento autônomo voltado para as questões que dizem respeito à luta comunitária. É uma experiência nova que ao que tudo indica trará bons resultados, além de elementos para solucionar os impasses do movimento comunitário na construção da sua autonomia e independência frente ao estado e aos partidos.

Lenin, o líder da revolução

A Revolução Russa de 1917 mudou o curso do século. No mundo inteiro, no dia seguinte ao da vitória dos trabalhadores, soldados e camponeses russos, nada permanecia como no dia anterior. O sonho dos oprimidos de acabar com a exploração e a miséria começava a se tornar realidade. Contra este sonho se uniriam os burgueses, os governos capitalistas de todo o planeta.

Setenta anos depois o sonho de construir uma sociedade livre e igualitária a nível internacional, uma sociedade socialista, ainda está incompleto. Mas uma lição fundamental foi deixada pelos trabalhadores urbanos e rurais russos: é possível e necessário derrotar a burguesia, tomar o poder e os destinos nas próprias mãos, dominar o futuro e libertar do passado.

PEA TOBAPI

A Revolução Russa

Quando houve a Revolução dos Operários e Camponeses da Rússia, o mundo estava em guerra desde julho de 1914. A I Guerra Mundial foi uma Guerra de negociantes no mercado capitalista mundial. De um lado, o bloco liderado pela Inglaterra, França, Estados Unidos e Rússia. De outro, o bloco conduzido pela Alemanha. A disputa das burguesias destes países pelas reservas de matéria-prima e mercados de consumo para seus produtos transformou a Europa num imenso campo de batalha. E a bucha do canhão foram centenas de milhares de operários e camponeses.

Para os povos da Rússia, a guerra fez de suas vidas um inferno ainda mais insuportável. Eram 170 milhões de pessoas submetidas à vontade absoluta do Imperador Nicolau II, que tinha o título de "Czar de todas as Rússias".

O Império era constituído de 14 nacionalidades, das quais os russos eram maioria opressora. Quase cem grupos étnicos diferentes se espalhavam por uma área aproximada de 22 milhões de quilômetros quadrados, quase três vezes a superfície do Brasil. Era o maior país do mundo, indo da Europa à Ásia.

A Rússia em 1917

Apesar do tamanho, a Rússia era um país de desenvolvimento econômico secundário, comparado às potências capitalistas da época. O grosso da produção vinha da agricultura e da exploração das minas. 85% da população vivia no campo.

Os quase 150 milhões de camponeses sobreviviam na mais completa miséria. Os imensos latifúndios eram propriedades dos nobres, que formavam a corte do Czar. Nos férteis campos do Império crescia a fome e a miséria.

O desenvolvimento industrial da Rússia era recente, de meados do século XIX. O impulso capitalista veio de fora, através dos capitais da França, Alemanha, Bélgica. Esse investimento estrangeiro transformou a Rússia numa colônia econômica, onde 85% das minas e metade da indústria metalúrgica eram propriedades do capital imperialista.

Por causa dessa industrialização tardia, a classe operária era numericamente reduzida, comparada aos camponeses. Somava 3,5 milhões de pessoas que, no entanto, dispunham de um grande poder de pressão por estarem concentradas em poucas cidades e em grandes fábricas.

As maiores cidades russas eram Moscou e São Petersburgo, as duas capitais do Império. Moscou tinha 1,5 milhão de habitantes e São Petersburgo (hoje Leningrado), 2 milhões, dos quais 800 mil eram operários. Será principalmente nestas duas cidades que vai se desenrolar a Revolução.

O ensaio de 1905

A conquista revolucionária do poder em 1917 é a culminação de um longo processo de luta dos povos russos. As revoltas camponesas rebentavam com freqüência. Os operários descobriram desde cedo a greve como arma de luta econômica e política. Nos meios intelectuais fervilhavam idéias de democracia e de atentados contra a nobreza e o Czar. A própria burguesia se agitava, impedida de se desenvolver pelas amarras de um poder feudal e absoluto.

Em 1905, então, a Revolução faz seu ensaio geral. Em 9 de janeiro daquele ano, num domingo, milhares de trabalhadores se dirigem ao Czar numa manifestação pacífica, reivindicando jornada de 8 horas de trabalho, liberdades civis e políticas mínimas e a convocação de um Parlamento até então inexistente na Rússia.

O Czar não os recebe e ordena a repressão. A multidão é fuzilada impiedosamente em frente ao palácio. O episódio entrou na história como o "Domingo Sangrento".

A classe operária reage. Em fins de janeiro já são 400 mil em greve. As manifestações se sucedem por toda a Rússia, clamando por liberdade, terra, pão e paz. A Rússia estava em guerra com o Japão. E perdendo. Além dos camponeses e operários, a insatisfação envolve soldados e marinheiros. Em junho, o encouraçado Potemkim, o maior da Marinha russa, é tomado pela marujada.

Em outubro, a classe operária de São Petersburgo cria uma forma de organização altamente revolucionária e inédita na história: o soviete (que significa Conselho, em russo). O soviete era constituído de delegados eleitos em cada fábrica. Ele passa a coordenar e dirigir a luta pelas 8 horas, aumento de salário e liberdades políticas. Seu primeiro presidente foi o revolucionário russo Leon Trotsky, então com 26 anos de idade. São criados mais sovietes em Moscou e em outras cidades do Império.

A contestação ao czarismo durou até 1907, mas não conseguiu derrubá-lo. Faltou coordenação ao movimento que juntasse a vontade revolucionária dos operários, soldados e camponeses. Faltou a decisão de derrubar o czarismo e não se satisfazer apenas com a criação de uma monarquia parlamentar na Rússia. Faltou, em suma, organização.

Mas os trabalhadores e socialistas russos tiraram da derrota as necessárias lições. E se prepararam para novo enfrentamento. O czarismo tinha sido abalado como nunca. Dez anos depois seria varrido para sempre.

Lenin em 1895 rodeado pelos membros da União de Luta pela Libertação da Classe Operária

Uma cronologia

1898 — I Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR)
1903 — II Congresso do POSDR. Formação de duas frações: bolcheviques e mencheviques
1905 — I Revolução Russa
1912 — Divisão definitiva entre bolcheviques e mencheviques formando partidos distintos
1914 — Início da I Guerra Mundial
1917 — Revolução de Fevereiro (fevereiro segundo o calendário juliano, então em uso na Rússia. O calendário juliano tinha um atraso de treze dias com relação ao nosso), com a queda do tzarismo. Revolução de Outubro (25 de outubro pelo calendário juliano; 7 de novembro pelo calendário ocidental): queda do governo provisório e passagem do poder ao Congresso dos Soviets, com maioria bolchevique
1918 — Assinatura do Tratado de Brest Litovsk, que pôs fim à guerra com a Alemanha. Início da guerra civil na Rússia
1919 — Derrota da revolução na Alemanha. Fundação da Internacional Comunista — III Internacional
1920 — Fim da guerra civil na Rússia
1922 — Primeiro derrame de Lenin. Eleição de Stalin para o cargo de secretário-geral do PC. Fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O início do processo de burocratização do Estado já é visível e preocupa Lenin
1924 — Morte de Lenin. Começa a luta interna no PCUS
1925 — Trotsky é demitido do Comissariado de Guerra. O processo de burocratização é ascendente na URSS...

Os partidos socialistas

Três partidos se destacavam na organização política do povo trabalhador na Rússia. Os camponeses seguiam o Partido Sociaista Revolucionário, o SR, cujo programa se centrava na luta pela reforma agrária e por uma república parlamentar burguesa. Nas cidades, dois partidos disputavam a organização dos operários: os mencheviques e os bolcheviques, originalmente alas de um mesmo partido, o Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), orientado pela ideologia do marxismo.

Os mencheviques formavam a ala reformista da Social Democracia Russa. Entendiam que o proletariado não podia tomar o poder na Rússia e que o socialismo devia aguardar um desenvolvimento histórico do capitalismo e da democracia burguesa.

Os bolcheviques, ao contrário, ensinavam que a burguesia não tinha mais nenhuma função progressista. E que a salvação econômica, social, cultural e moral dos povos da Rússia só podia se dar sob um governo operário-camponês.

Essas divergências foram crescendo e levaram, em 1912, à divisão irremediável da Social-Democracia Russa em dois partidos. O líder bolchevique chamava-se Vladimir Ulianov, o Lênin. Sua vida era dedicada à organização revolucionária dos trabalhadores. Na disputa de idéias com outras concepções socialistas, Lênin foi construindo o Partido Bolchevique e ganhando a simpatia e admiração dos operários.

O império cai

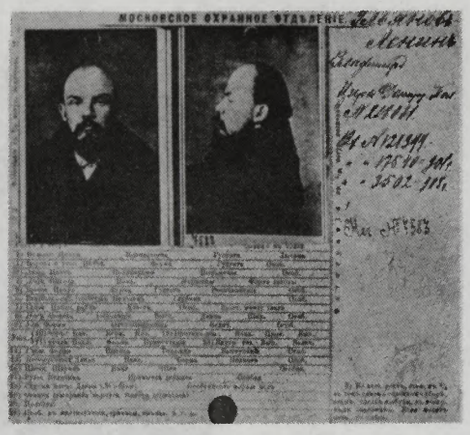
Março de 1917. A guerra mundial já durava quase três anos. Os alemães infligiam pesadas perdas ao exército russo. Em fins de 1916 já eram 2 milhões de mortos e e mais de 4 milhões de mutilados entre os soldados, 90% deles camponeses.

Com os campos abandonados, a produção de trigo diminuía. O pão, alimento básico da população, escasseava. A indústria se reorientava para a produção bélica e decompunha a economia. Faltavam artigos essenciais de consumo. A carestia disparava. A privação e a fome açoitavam o povo.

No começo de março, o governo decide estabelecer o racionamento do pão em Petrogrado. Filas imensas se formavam diante dos armazéns, sob um frio de 25 graus abaixo de zero. As padarias eram saqueadas e quebradas. Os motins se espalhavam por toda a cidade.

No dia 8, os operários em greve decidem fazer uma passeata pela cidade reivindicando pão, paz e o fim da autocracia czarista. Surpreendentemente, a polícia não os reprime. No dia seguinte, nova manifestação. Desta vez, maior. Os militares novamente impassíveis. Alguns cossacos — tropa especial de exército — chegam mesmo a demonstrar simpatia para com os grevistas.

A atitude dos soldados enfurece os oficiais. No terceiro dia de manifestação eles obrigam seus comandados a atirar na multidão. Muitos operários tombam. No dia seguinte, os soldados se rebelam e não admitem atirar nos trabalhadores. Eles tomam os quartéis, prendem os oficiais e abrem suas portas aos operários. Quarenta mil fuzis são distribuídos.



Ficha policial de Lenin

Armados e com um entusiasmo revolucionário incontrolável, os operários e soldados põem em fuga os ministros do Czar. No dia 12 de março a burguesia constitui um Governo Provisório. O Czarismo — que durara 800 anos — havia sido derrubado.

O duplo poder

Desta vez, entretanto, a burguesia não pode mais usar o povo como massa de manobra para conquistar o poder exclusivamente para si. Ao lado do Governo Provisório, ela teve que aturar o Soviete de Deputados Operários e Soldados. Criou-se um duplo poder, que irá se chocar até novembro com a vitória proletária.

Os sovietes de Petrogrado e das outras cidades russas, bem como os Sovietes de Camponeses que surgiram, estavam inicialmente dominados por delegados partidários dos mencheviques e dos SRs. Os bolcheviques eram minoria. O partido saía, em março, de um prolongado período de repressão, com seus principais líderes no exílio ou na prisão e sua imprensa sufocada.

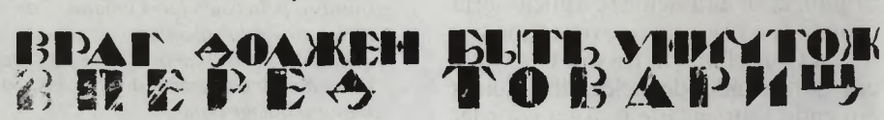
Os mencheviques e SRs adotaram a política de apoiar o Governo Provisório burguês. Não interrompem a guerra com a Alemanha. Ao contrário, lançam-se à nova ofensiva, que termina em nova derrota e em milhares de novos mortos. Os alemães avançam para perto de Moscou e Petrogrado. O governo burguês tampouco dá as terras aos camponeses, ou as 8 horas aos operários, que continuam tendo que trabalhar legalmente 10 horas durante 6 dias por semana. Nenhuma medida também é tomada para resolver a crise de abastecimento ou impedir as demissões. Por fim, a burguesia se faz surda às reivindicações de autonomia das nacionalidades oprimidas.

Os bolcheviques crescem

Lênin, refugiando-se na clandestinidade por estar com a cabeça a prêmio, incentiva o Partido Bolchevique a denunciar implacavelmente o Governo Provisório e a exigir todo o poder aos Sovietes. Para reverter a situação da minoria em que os bolcheviques se encontravam, Lênin orientava para que eles adotassem a política de "explicar pacientemente às massas" as razões do impasse político, o caráter capitalista do Governo Provisório e a traição dos mencheviques e SRs.

A situação radicalizava-se a cada dia. Eram mais e mais camponeses ocupando as terras, sem pedir bênção ao Governo ou aos latifundiários; tra-

Para conhecer



O estudo e o conhecimento das revoluções do nosso tempo, particularmente da Revolução Russa, é importante sob vários aspectos. Ajuda a compreender os grandes antagonismos sob os quais vivemos e como os trabalhadores de outros países se capacitaram (ou não) para enfrentá-los. Ajuda a compreender principalmente que é possível construir um mundo novo onde a miséria e exploração não sejam mais do que cicatrizes do passado.

Para conhecer a Revolução Russa, indicamos alguns livros. Uns, os três primeiros, são de fácil leitura. Serem de fácil leitura, neste caso, não significa que "simplifiquem" a história tal como dezenas de manuais stalinistas o fizeram (na verdade tais manuais deturparam a história). Significa apenas que sua leitura é mais facilmente compreensível àqueles que não tem o hábito da leitura nem o conhecimento prévio da história ou mesmo do marxismo.

Vamos a eles:

***Os dez dias que abalaram o mundo** — John Reed (Global Editora). É uma reportagem, extremamente bem escrita e fiel aos acontecimentos, centrada no processo da tomada do poder pelos trabalhadores russos, fundamentalmente nos dias que a antecederam.*

***A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-1929)** — E. H. Carr (Editora Zahar). Carr é um historiador inglês que se dedicou ao estudo da Revolução Russa. Este livro é uma edição resumidíssima de sua obra, escrita em oito longos volumes (ainda não editados no Brasil).*

***Rússia — Os anos vermelhos** — Daniel Aarão Reis (Brasiliense — "Coleção Tudo é História"). Extremamente resumido — é quase uma introdução da introdução ao problema —, ainda assim consegue ser um livro correto.*

***História da revolução russa** — Leon Trotsky (Editora Paz e Terra). Escrito em três volumes, este livro é uma obra prima. Trotsky, independente de qualquer julgamento político, era um excelente escritor.*

***Lenin — Obras escolhidas** (Editora Alfa-Ômega). As obras escolhidas do principal líder da revolução russa contém os textos chaves para entender todo o processo revolucionário: **Imperialismoj, fase superior do capitalismo; Que fazer?; Duas táticas da social-democracia; Esquerdismo, doença infantil do comunismo: As tarefas imediatas do poder soviético** etc.*

***Trotsky — Biografia** — Isaac Deutsher (Civilização Brasileira). A melhor obra a traçar a trajetória de um dos principais líderes da revolução. Escrita em três volumes, é uma leitura indispensável inclusive para compreender os descaminhos da URSS.*

***Stalin — Biografia** — Isaac Deutsher (Civilização Brasileira). Escrita em um volume, também é imperdível.///*

balhadores ocupando fábricas, impondo a jornada de 8 horas e o controle da produção e da distribuição; soldados desertando aos milhares; e as nacionalidades se declarando autônomas, como a Ucrânia e a Finlândia.

A burguesia se desesperava. Em agosto, o general Kornilov tentou um golpe militar para sufocar os Sovietes. Mas o proletariado, com os bolcheviques à frente, foi para as ruas e parou a aventura contra-revolucionária. A partir daí seu prestígio só cresceu. Se em maio eram 80 mil filiados ao partido, em agosto o número superou os 240 mil.

O ânimo dos operários, dos soldados e de grande parte dos camponeses já era francamente favorável aos bolcheviques. Em 9 de setembro eles conquistam a maioria das novas eleições para o Soviete de Petrogrado, a usina da Revolução. Trotsky, 12 anos depois, é novamente eleito presidente.

Todo poder aos Soviets

Em 12 de setembro, Lênin envia carta ao Comitê Central do seu partido, dizendo que, desde que tinham conquistado a maioria dos Sovietes de Petrogrado e Moscou, os bolcheviques deviam tomar o poder. "Propondo imediatamente uma paz democrática, dando imediatamente a terra aos camponeses, restabelecendo as instituições e as liberdades democráticas pisadas e destruídas pelo Governo Provisório, os bolcheviques formarão um governo que ninguém derrubará", esclarecia Lênin. E advertia: "Se não tomarmos o poder agora, a história não nos perdoará".

Concluído o trabalho de convencimento do partido, passa-se à organização militar da tomada de poder. Os bolcheviques deixam de prontidão soldados e marinheiros que, nessa altura, em sua maioria, só obedeciam às ordens do Soviete e não do Governo Provisório. Os operários armados se transformam em Guardas Vermelhos.

Na noite do dia 6 de novembro, cada fábrica, cada barco de guerra, cada quartel, cada casa nos miseráveis bairros operários era um centro nervoso da Revolução.

Na calada da noite e em silêncio, saem desses centros os Soldados da Revolução. Eles vão ocupando os correios e telégrafos, a estação ferroviária, a estação de energia elétrica, as pontes que dão acesso ao centro administrativo de Petrogrado, enfim, os pontos vitais da cidade. O Governo Provisório vai ficando suspenso no ar.

Em poucas horas, uma multidão invade o Palácio de Inverno — sede do governo — e expulsa dali e poder da burguesia. O novo tempo começava a ser construído. Tal como previra Lenin, a tomada do poder pelos trabalhadores era possível e até mais fácil na Rússia que nos países capitalistas centrais. A construção do socialismo num país atrasado, com uma base econômica e industrial frágil, entretanto, seria muito mais difícil. A esperança bolchevique era de que a revolução na Europa, principalmente na Alemanha, fosse vitoriosa. A indústria alemã poderia compensar o campo russo. O curso dos acontecimentos após a tomada do poder comprovou as previsões de Lenin. Hoje, setenta anos depois, a construção do socialismo na União Soviética ainda apresenta inúmeros problemas. Nenhum deles, entretanto, que os trabalhadores não possam resolver.///

Notas УЧИТОЖЕ

Czar *— Czar ou Tzar tem origem em Cezar, nome que os romanos davam aos seus imperadores. Sinônimo de Imperador.*

PSDOR *— Partido Social Democrata Operário Russo. Fundado em 1898, o PSDOR reunia os socialistas marxistas russos. Em 1903 organizaram-se duas frações no partido: uma fração revolucionária liderada por Lenin, e outra reformista. Estas duas alas formaram partidos distintos em definitivo em 1912.*

Bolcheviques *— Maioria (bolchinstvo) do PSDOR no Congresso de 1903. Após a I Revolução Russa em 1905 os Bolcheviques passaram na verdade a ser minoria no partido, mas conservaram o mesmo nome que os vinha designando até então. Somente em setembro de 1917 é que os Bolcheviques readquiriram a posição de maioria. Fração revolucionária do PSDOR.*

Mencheviques *— Minoria* ***(mechinstvo)*** *no Congresso de 1903. Reunia os marxistas ortodoxos, convencidos de que a Rússia deveria passar por uma etapa de amadurecimento do capitalismo e que, portanto, diante do Czarismo, se tratava da burguesia fazer uma revolução burguesa. Aos trabalhadores caberia apoiar a burguesia liberal e lutar por conquistas sociais e políticas, por reformas dentro do capitalismo e não pela revolução. Os Mencheviques tinham uma ala radical autodenominada* ***Internacionalista*** *que era contrária ao rompimento com os setores conservadores do partido — e por isso não se juntou aos bolcheviques — mas ao mesmo tempo era contra qualquer tipo de coalizão com as classes abastadas. Trotsky pertenceu a este grupo durante muito tempo.*

Soviets *— A palavra "soviet" significa "conselho". Os primeiros soviets surgiram embrionariamente na Revolução de 1905, como uma assembléia que reunia deputados operários eleitos pelas organizações econômicas da classe trabalhadora. Os soviets passaram a ser entendidos pelos bolcheviques como embriões do Estado Operário. Em 1917, eles se generalizaram por toda Rússia. Entre fevereiro e outubro de 17, além de lutar por pão, paz e terra, a palavra de ordem central dos bolcheviques foi "todo poder aos Soviets".*

Os reflexos no Brasil

O ecos da Revolução Russa em 17 se fizeram sentir de imeditado no Brasil. O processo de industrialização no Brasil era ainda incipiente, mas já existia grandes fábricas em São Paulo como a indústria têxtil Mariangela (Matarazzo) com três mil trabalhadores, a tecelagem Santana, com dois mil, a Antártica, com mil. Os trabalhadores nestas indústrias eram majoritariamente italianos e espanhóis. A mão de obra brasileira, recém liberta do escravagismo, era inculta demais para trabalhar na indústria. Mais que estrangeiras, as lideranças dos trabalhadores do início do século no Brasil eram anarquistas e muito combativas. O exemplo da Revolução Russa ganhou grandes parcelas destes trabalhadores revolucionários para o comunismo. Em 1922 o Partido Comunista do Brasil foi fundado num Congresso que reuniu sete trabalhadores e dois intelectuais. Aos poucos, a tendência comunista foi ganhando terreno com relação ao anarquismo e o suplantou por volta de 1932.

O processo de burocratização na Rússia, entretanto, incidiu diretamente sobre o PC no Brasil. De revolucionário nas suas origens, o Partido Comunista se transformou num partido reformista. Suas políticas conduziram os trabalhadores brasileiros a grandes derrotas como a Intentona Comunista em 35 (realizada num período de uma guinada esquerdista da burocracia soviética), como em 45/46 refreando o movimento, impedindo greves e mandando "apertar os cintos" em nome da política de "aliança nacional", como em 64 mandando os trabalhadores confiarem nas "tradições democráticas e nacionalistas das forças armadas".

Em contraposição ao pacifismo do PC e pelo exemplo da Revolução Cubana, surgiram vários grupos e organizações guerrilheiras no país. Minoritárias, desenraizadas da massas, todas acabaram derrotadas. Mesmo as que não pegaram em armas ou sobreviveram à repressão do final dos anos 60 e início dos 70, eram organizações pequenas, muitas vezes vanguardistas e que, em função da sua falta de inserção nos movimentos, facilmente desenvolveram políticas sectárias.

É evidente, neste quadro, que a relação que os trabalhadores brasileiros mantiveram com o "leninismo", com o "partido de vanguarda", foi uma relação quase trágica. Os erros cometidos em nome do leninismo, entretanto, pouco ou quase nada tiveram a ver com as teorias do líder da Revolução Russa. Ainda hoje, setenta anos depois, suas elaborações teóricas são contribuições inestimáveis ao movimento dos trabalhadores comprometido com a luta sem tréguas à opressão e à exploração. (P. Cezar)

Tecnologia Uma abordagem

As multinacionais e o imperialismo guardam a sete chaves seus segredos tecnológicos. O "saber fazer" se transformou em instrumento de poder e opressão. Uma primeira abordagem e uma opinião consistente sobre o assunto.

Vicente Rauber

Durante o transcurso da história podemos caracterizar momentos significativos na mudança da forma de produção e no próprio modo de viver das pessoas.

No momento em que o homem primitivo, da caverna, passou a praticar a agricultura isto implicou uma total mudança de hábitos. A utilização do fogo, a invenção da roda e, mais tarde, já na época industrial, a invenção da máquina a vapor, representaram, cada qual em sua época, enormes mudanças no sentido de agilizar a produção. Estas mudanças ainda hoje ajudam a sustentar outras mudanças, baseadas na evolução do conhecimento humano.

Hoje, para produzir um produto são necessários vários elementos: matéria-prima, mão-de-obra, capital, um mercado que compre este produto e também é preciso saber como e com quê fazer este produto. E quando a produção é de máquinas sofisticadas como computadores e outros mecanismos de automação, "saber fazer" estes produtos passa a ser o principal componente da produção. Este "saber fazer" é sinônimo de tecnologia.

As novas tecnologias

Na área da eletricidade temos o intenso crescimento da micro-eletrônica, na qual sustenta-se a informática (construção de computadores e outros equipamentos automatizados) que hoje representam a ponta de uma nova revolução tecnológica. Logo atrás da informática vêm "quatro irmãs" que atualmente estão sendo muito estudadas nos principais laboratórios e fábricas do mundo, já ocupam boa parte da produção e irão todas agir de forma cada vez mais integrada.

Trata-se da biotecnologia (trabalha com a adaptação dos seres vivos, com grande importância na agricultura e na farmácia), da mecânica fina (mecânica de alta precisão que, entre outras funções, fornece peças aos mecanismos de automação), da química fina (parte da química que produz importantes produtos para a fabricação de medicamentos e outras atividades industriais) e uma área de novos materiais (alguém lembra como eram as antigas latarias dos automóveis e como são hoje?). Além da micro-eletrônica, da informática e das quatro irmãs, temos um capítulo especial chamado tecnologia nuclear (produção de energia através de usinas nucleares, aplicações na agricultura, medicina e outros campos).

Todas estas novas técnicas possuem enorme poder de transformação, especialmente no sentido de aumentar a produtividade e criar condições de trabalho e hábitos de vida novos. O seu uso inadequado pode trazer enormes prejuízos, muito deles irreversíveis, à população atingida. O recente "acidente" de Goiânia ilustra bem este perigo. Imaginem um acidente de proporções na usina nuclear de Angra I, que fica a uns 50 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro e menos de 500 quilômetros da cidade de São Paulo.

Tecnologia e democracia

Pelos motivos acima, estas novas tecnologias requerem cuidados especiais e se faz necessário um mínimo de controle popular e conhecimento de causa de quem com elas trabalha ou é atingido de alguma forma.

O Brasil é uma das nações nas quais estas tecnologias tem sido muito aplicadas, mas onde seu domínio e controle sobre as mesmas é pequeno. Estas novas tecnologias podem contribuir para melhorar a vida do povo brasileiro e em especial do povo trabalhador. O que garante isso é o seu grande poder de transformação, principalmente no sentido de aumentar a produtividade do trabalho. Afinal, nossas carências em termos de alimentação, habitação, saúde, educação etc., são enormes. Entretanto, se isto é possível, a pergunta que se coloca é: Isto vem realmente ocorrendo?

Impactos no trabalho urbano

A CUT, através da Comissão Nacional de Tecnologia e Automação, e no Rio Grande do Sul através da Secretaria de Tecnologia e Automação, vem procurando detectar os principais impactos negativos aos trabalhadores e ao meio ambiente decorrentes da implantação de novas tecnologias, bem como buscando definir uma proposta para uma política tecnológica do ponto de vista dos trabalhadores.

De um modo geral, a lógica para a introdução da automação, por exemplo, não tem sido no sentido de eliminar os setores insalubres e perigosos. Com isso, não tem contribuido em nada para a melhoria das condições de trabalho. Continuamos sendo campeões mundiais de acidentes de trabalho. Segundo registros do Ministério do Trabalho apenas no emprego formal urbano (carteira assinada e acidente registrado) ocorrem, por ano, cinco mil mortes e 30 mil casos de invalidez permanente. O mesmo acorre com os novos métodos de gerenciamento como os CCQs (Círculos de Controle de Qualidade), Trabalho Participativo, "Just in Time", Kanban, e outros que, como novas tecnologais, transformam os locais de trabalho, aumentam a produtividade, influenciam inclusive o trabalho sindical, mas não tem implicado em melhorias nas condições de vida e trabalho. As alterações nas condições de trabalho, em alguns casos, como no setor de computação e outros, tem implicado inclusive no surgimento de novas doenças profissionais, como é o caso da tenossinovite (é uma lesão por esforço repetitivo, muito comum entre digitadores).

Reflexos na agricultura

A produção agrícola em nosso país obedece a uma lógica capitalista internacional que nos reserva a produção de grãos para abastecer importantes mercados do Primeiro Mundo a preços que lhes são altamente compensadores. Ao mesmo tempo faz com que esta agricultura seja altamente dependente de uma tecnologia baseada na monocultura em latifúndios com intensa utilização de agrotóxicos e maquinaria. A dependência existe também com relação às sementes, hoje controladas por algumas multinacionais.

Como reflexo da utilização destas técnicas, aliada ao modelo econômico, político e social, temos uma menor utilização de mão-de-obra também no campo, a concentração da terra, o êxodo rural, o crescimento da quantidade de trabalhadores Sem Terra, a intoxicação e morte de agricultores, a deterioração da terra e da água e uma quase impossível manutenção da pequena propriedade.

Uma agricultura capaz de produzir alimentos sadios e em quantidade, sem a deterioração da saúde dos trabalhadores e do meio-ambiente, precisa ser buscada desde hoje pelos trabalhadores. Neste sentido, várias experiências, promovidas por entidades e setores comprometidas com os interesses populares, vem sendo realizadas.

Se as inovações tecnológicas tem um sentido irreversível, ao mesmo tempo a tecnologia não é neutra. Ela pode favorecer os trabalhadores ou a burguesia e os latifundiários. Por isto, cabe aos trabalhadores urbanos e rurais nas suas instâncias de atuação (sindicatos, central sindical, partidos políticos etc.) buscar uma política tecnológica do seu interesse. E esta tarefa é urgente para que nos capacitemos a enfrentar os novos tempos.

Vicente Rauber *é coordenador da Secretaria de Tecnologia e Automação da CUT-RS e membro da Comissão Nacional de Tecnologia e Automação da CUT.*

FAÇA JÁ A SUA ASSINATURA DO terragente. UMA REVISTA QUE ESTÁ DO SEU LADO. LUTANDO A MESMA LUTA. INFORMANDO E FORMANDO NOSSOS CAMINHOS, NOSSOS DESTINOS.

Assine

terragente

06 números: Cz$ 480,00
Promoção: Cz$ 430,00 para assinaturas enviadas até 31 de março.

Nome: _____

Endereço: _____

_____ Fone: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

cheque nominal ou vale postal para GEA-Formação e Assessoria Sindical, Rua da República, n.º 139, CEP 90.050, bairro Cidade Baixa, Porto Alegre, RS.

Marcos Fernandez

São tão fortes as coisas.
Mas eu não sou as coisas
e me revolto

Carlos Drumond de Andrade